

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ-UNIVALI
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS-COMUNICAÇÃO,
TURISMO E LAZER/CECIESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM TURISMO E
HOTELARIA-MESTRADO ACADÊMICO INTERINSTITUCIONAL-
UNIVALI/UNINORTE**

ROSE ANNE FARIAS CAVALCANTE

**ENCENAÇÃO DA PAIXÃO DE CRISTO COMO ATRATIVO TURÍSTICO:
Análise da percepção dos moradores de Mucajaí – RR**

**Balneário Camboriu
2012**

ROSE ANNE FARIAS CAVALCANTE

ENCENAÇÃO DA PAIXÃO DE CRISTO COMO ATRATIVO TURÍSTICO:

Análise da percepção dos moradores de Mucajaí – RR

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Turismo e Hotelaria ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria - Mestrado Acadêmico Interinstitucional UNIVALI/UNINORTE.

Orientadora: Profa. Dra. Doris van de Meene Ruschmann

Linha de Pesquisa: Planejamento e Gestão dos Espaços para o Turismo.

Balneário Camboriu

2012



UNIVALI

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI

ROSE ANNE FARIAS CAVALCANTE

'ENCENAÇÃO DA PAIXÃO DE CRISTO COMO ATRATIVO TURÍSTICO: Análise da percepção dos moradores de Muçajai/RR'

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Turismo e Hotelaria e aprovada pelo Curso de Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria MINTER/UNINORTE, Balneário Camboriú.

Área de Concentração: Planejamento e Gestão dos Espaços para o Turismo

Balneário Camboriú, 22 de outubro de 2012.

Prof.^a Dra. Dóris van de Meene Ruschmann
UNIVALI – Balneário Camboriú (SC)
Orientadora

Prof.^a Dra. Yoianda Flores e Silva
UNIVALI – Balneário Camboriú (SC)
Membro

Prof.^a Dra. Karina Toledo Solha
USP – Universidade de São Paulo
Membro

Ao meu esposo Wescley e
aos meus filhos: Ricardo e Ana
Maria (que está a caminho), os
quais tanto amo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, não somente pelo dom da vida, mas por caminhar comigo em todas as etapas, e principalmente, por me carregar no colo quando me faltou o chão.

À minha família, que sempre está ao meu lado, ajudando, compreendendo e se sacrificando para que eu pudesse alcançar meu ideal.

À Orientadora Prof.^a Dr^a Dóris van de Meene Ruschmann, por acreditar em mim.

À Prof.^a Dr^a Yolanda Flores e ao Prof. Dar Paulo Pires pelas contribuições e sugestões durante a Banca de Exame de Qualificação.

A todos os professores do Programa de Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria pela dedicação e por compartilharem seus conhecimentos.

Agradeço a comunidade de Mucajaí que me apoiou durante toda a pesquisa, em especial ao Ernandes, ao Daniel, e a Osmarina.

Agradeço ao meu tio Luiz e família, por me acolher como filha em sua casa durante todo o curso.

Às amigas que conheci no curso Cibelly, Amanda e Marcia pelo companheirismo, mesmo sendo a única aluna de outro estado, além disso, preciso ressaltar que até então não havia conhecido turismólogas tão orgulhosas da profissão.

Aos meus gestores Edineide Rodrigues e Wildimar Lima por entenderem a importância da formação e permitirem a minha ausência do trabalho durante os módulos.

Agradeço a todos, que de alguma forma contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

fazem!” “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que
São Lucas (23.34)

RESUMO

No município de Mucajaí, acontece tradicionalmente a Encenação “Paixão de Cristo”, considerado um dos principais eventos do Estado de Roraima, que surgiu com aspecto exclusivamente religioso, se iniciou a partir da dramatização da via-sacra realizada pela igreja católica. Considerando este contexto o estudo propôs pesquisar a Encenação da Paixão de Cristo como atrativo turístico: analisando a percepção dos moradores de Mucajaí-RR. Evento esse que surgiu a partir da iniciativa de um grupo de professores e hoje está na responsabilidade da prefeitura. Um dos fatos mais relevante da pesquisa é que esse evento está tomando maiores proporções a cada ano, acompanhado de polêmicas relacionadas à essência religiosa ou profana e pelo envolvimento e comprometimento dos atores (amadores) da própria comunidade. A pesquisa ocorreu com o suporte metodológico utilizado de pesquisa qualitativa e quantitativa do tipo estudo de caso, por meio de entrevistas feitas aos moradores, tanto da zona urbana como também na zona rural, e que de alguma forma participam da Encenação Paixão de Cristo. Os resultados demonstraram que existe diminuição da religiosidade no evento, considerado atualmente pela maioria dos entrevistados como cultural, porém, mesmo assim são de acordo com as mudanças, sendo que atrai um maior público independente da motivação sendo religiosa ou não, e com isso gera recursos que movimenta a economia local.

PALAVRAS - CHAVE:

Turismo. Turismo Religioso. Turismo Cultural. Atrativo Turístico. Mucajaí-RR.

ABSTRACT

In the municipality of Mucajaí, the Dramatization of the “Passion of Christ” (*Encenação Paixão de Cristo*) is a traditional event that is considered one of the highlights in the calendar of the State of Roraima. It originated as a purely religious event, a dramatization of the Way of the Cross that is organized by the Catholic Church. This study analyzes the Dramatization of the Passion of Christ from the point of view of a tourism attraction, through the perceptions of inhabitants of Mucajaí-RR. This event came about as an initiative of a group of teachers, and today, is under the administrative responsibility of the city hall. One of the most important aspects of the research is that this event is growing bigger each year, accompanied by debates and controversies related to the religious or profane element, and by the involvement and commitment of the actors (amateurs) from the local community. The research uses qualitative and quantitative research as methodological support, of the case study type, by means of interviews with local residents from the urban and rural areas of the municipality who are in some way involved in the Dramatization of the Passion of Christ. The results show that the religious aspect of the event has decreased, and that it is now considered, by the majority of the interviewees, as cultural. Despite this, they are happy with the changes, as it attracts a larger public, regardless of whether or not they are motivated by religion, and this generates resources for the local economy.

KEYWORDS:

Tourism. Religious Tourism. Cultural Tourism. Tourism Attraction. Mucajaí-RR.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Segmentação do turismo.....	22
Figura 2:	Mapa do Estado de Roraima.....	51
Figura 3:	Mapa do Município de Mucajaí.....	53
Figura 4:	Foto Pedra do Pemba. “Pedra da Paixão”.....	54
Figura 5:	Planta da Cidade Cenográfica.....	58
Figura 6:	Obra da cidade cenográfica	59
Figura 7:	Estádio Municipal de futebol	60
Figura 8:	Banner do evento ano 2011.....	60
Figura 9:	Comercialização de alimentos.	61
Figura 10:	Comercialização de artesanatos.	62
Figura 11:	Encenação da Santa Ceia	63
Figura 12:	Encenação de Jesus sendo Chibatado	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Gênero, faixa etária e localidade dos entrevistados.....	64
Gráfico 02: Profissão dos entrevistados.....	65
Gráfico 03: Renda familiar em salários mínimos os entrevistados.....	65
Gráfico 04: Religiões dos entrevistados.....	66
Gráfico 05: Escolaridade dos entrevistados.....	66
Gráfico 06: Forma de participação na Encenação dos moradores.....	67
Gráfico 07: Caracterização da Encenação Paixão de Cristo	68
Gráfico 08: Atrativo principal do evento.....	69
Gráfico 09: Concordam com a Encenação Paixão de Cristo.....	70
Gráfico 10: Recomendaria o evento.....	71
Gráfico 11: Turistas são bem vindos em Mucajá.....	72
Gráfico 12: A Contribui para comercialização da religião.....	72
Gráfico 13: Os turistas são diferentes das pessoas locais.....	73
Gráfico 14: Os turistas religiosos são diferentes dos turistas comuns.....	74
Gráfico 15: Os turistas afetam diretamente de alguma forma positiva.....	75
Gráfico 16: O número de turistas teve aumento.....	75
Gráfico 17: Os investimentos e faturamento no evento Paixão de Cristo compensam.....	76

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	12
1.2 METODOLOGIA.....	14
1.3 ORGANIZAÇÃO	17
2 TURISMO, RELIGIÃO E TURISMO RELIGIOSO	18
2.1 TURISMO.....	18
2.2 RELIGIÃO	24
2.3 TURISMO RELIGIOSO.....	42
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA	46
3.2 ENCENAÇÃO DA PAIXÃO DE CRISTO EM MUCAJAÍ-RR.....	53
3.3 PERCEPÇÃO DOS MORADORES.....	64
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICES	88
ANEXOS.....	92

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Recém-formada como Bacharel em Turismo passei a residir no estado de Roraima, onde acontece tradicionalmente há 30 anos na cidade de Mucajaí a Encenação da Paixão de Cristo, considerado como um dos principais eventos do estado. Cheguei justamente na época da Semana Santa, tomei conhecimento do espetáculo assim como de toda a polêmica entorno do mesmo. Como docente do curso de Bacharelado em Turismo e o Tecnológico em Eventos, tive a oportunidade de realizar debates sobre a temática, onde surgiam vários argumentos, sendo como um dos principais referente à essência do evento de caráter religioso ou profano e as possíveis vantagens que esse evento traz para comunidade.

Considerando o mestrado interinstitucional em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí, com área de concentração em Planejamento e Gestão dos Espaços Turísticos, surgiu a oportunidade de estudar o evento de forma científica, com o propósito de investigar a percepção da comunidade em relação ao mesmo.

A Encenação da Paixão de Cristo, atualmente organizada pela prefeitura, com o apoio do governo do estado e instituições privadas, conta com a participação de atores (amadores) locais e também atores (profissionais) reconhecidos nacionalmente. Esse evento atrai visitantes de Roraima, do Amazonas e dos países vizinhos Venezuela e Guiana Inglesa.

Conforme o “Histórico da Paixão de Cristo”, a Encenação acontece há trinta anos, tendo sua primeira apresentação ocorrida no ano de 1982, estando presente no calendário de eventos da cidade, sendo também o mais importante

Nos últimos nove anos, o espetáculo da Paixão de Cristo foi se transformando em um evento maior. Acredita-se que tenha ocorrido esse crescimento a partir do momento em que foi delegada à prefeitura a organização e responsabilidade do evento. Com a visão da possibilidade de transformar em atrativo turístico, investindo em atrações reconhecidas nacionalmente, tanto para interpretar o papel de Jesus, quanto para o Show do sábado de aleluia a fim de atrair maior público. Frente a esse cenário é importante saber: Qual a percepção dos moradores de Mucajaí – RR em relação à Encenação Paixão de Cristo? Diante disso norteou-se os objetivos geral e específicos deste trabalho.

Como Objetivo Geral: Analisar a percepção dos moradores de Mucajaí-RR em relação a Encenação “Paixão de Cristo”.

Para tanto os Objetivos Específicos da pesquisa foram:

- Conhecer o processo de organização do evento “Paixão de Cristo”;
- Descrever a Encenação “Paixão de Cristo”;
- Investigar a percepção da comunidade local em relação ao evento da “Paixão de Cristo”.

Conhecer a opinião da comunidade local em relação ao espetáculo em diferentes aspectos como social, econômico e político, será de suma importância como auxílio para o planejamento turístico no âmbito municipal e também estadual, além disso, o estudo colaborará em termos teóricos com a produção de informações, até então escassas não somente em Roraima como no restante do país.

A visitação aos espaços que possuem como atrações festas, espetáculos, romarias, peregrinações e atividades religiosas, por pessoas que interajam nesses ambientes e têm como motivação principal a religião é caracterizado como turismo religioso (DIAS, 2003).

Há questionamentos a partir da relação religião, consumo e lazer, no que se refere turismo religioso, o qual abrange tanto atividades religiosas quanto turísticas, expressando também a cultura e o contato com diferentes classes sociais. (ABUMANSUR, 2003).

Retomando as ideias de Dias, observa-se que para ele:

O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à vista que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região (DIAS, 2003, p. 17).

Geralmente, nas cidades turísticas de pequeno porte, vivem situações de conflitos que envolvem nativos, moradores vindos de outros lugares, sejam comerciantes, artistas ou curiosos, além dos turistas. As condições sociais e culturais, dificuldades de infraestrutura, saúde, educação e principalmente de distribuição de renda, de forma alguma aparecem na divulgação do destino. Muitas vezes, passam despercebidos pelos turistas, mas conforme aumenta a frequência desse visitante começa a perceber os problemas sociais e passa a incomodar-se, questiona não somente a comunidade, mas também as instituições públicas e privadas. Resultando frequentemente a de turistas, informados e responsáveis (GIOVANNINI, 2003, p. 145).

1.2 METODOLOGIA

Por este estudo tratar da percepção da comunidade local em relação à Encenação da Paixão de Cristo em Mucajaí Roraima, considerou-se adequado a utilização da abordagem qualitativa e quantitativa tanto para coleta, como também para análise e apresentação dos resultados.

Com o objetivo de estudar o ser humano, no que diz respeito ao comportamento, atitudes, costumes e sentimentos, as pesquisas qualitativas nas ciências sociais são fundamentais (Flick, 2004). Na pesquisa qualitativa, “o pesquisador interpreta determinados eventos observando a partir de falas, entrevistas, sentidos e significados do fenômeno estudado” (FLICK, 2004, p. 18).

A partir da necessidade de atender os objetivos da pesquisa, o entendimento dos termos *turismo* e *religião* e o levantamento de dados referentes à localidade estudada, a investigação foi configurada em qualitativa e quantitativa

em pesquisa exploratória, que segundo DENCKER (2000), tem a intenção de aprimorar ideias ou investigar percepções. A abordagem, em geral é o levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de situações similares, sendo uma das formas mais comuns o estudo de caso.

Godoy (2006, p. 421) apresenta a importância do estudo de caso

O estudo de caso deve estar centrado em uma situação ou evento particular cuja importância vem do que ele revela sobre o fenômeno objeto da investigação. Essa especificidade torna o estudo de caso um tipo de pesquisa especialmente adequado quando se quer focar problemas práticos, decorrentes das intrincadas situações individuais e sociais presentes nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

Dencker (2000) afirma que o estudo de caso pode fazer uso de registros, observação dos fatos, entrevistas, tendo como objeto de estudo um indivíduo, um grupo, uma organização, um conjunto de organizações ou uma situação.

O roteiro de pesquisa relaciona as seguintes variáveis, características dos entrevistados e percepção da comunidade sob o evento.

A fim de levantar dados das características dos entrevistados, foram coletadas informações como gênero dos entrevistados, faixa etária, profissão, religião, renda familiar, e escolaridade.

Para investigar a percepção dos moradores de Mucajaí em relação a “Encenação Paixão de Cristo”, foi realizado com base aos princípios de eco desenvolvimento presentes nas teorias de Sachs (2002), principalmente nos aspectos social e cultural.

Sachs (2002) estabeleceu os princípios básicos do desenvolvimento com responsabilidade, caracterizado desta nova visão do desenvolvimento, que integrou fundamentalmente seis pontos, que deveriam servir como guias: a satisfação das necessidades básicas; a solidariedade com as gerações futuras; a participação da população envolvida; a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral; a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas, e programas de educação.

Após pesquisa exploratória que possibilitou a delimitação do objeto de estudo, caracterização e delimitação do universo de pesquisa, realizou-se um pré-teste para possíveis alterações do instrumento caso seja necessário.

As respostas das perguntas fechadas foram analisadas por meio de estatística descritiva, médias, frequências e porcentagem. Enquanto que, as respostas referentes às perguntas abertas foram reunidas por similaridades transcritas e comentadas.

Para coleta de dados a campo utilizou-se a técnica de observação livre, durante a Sexta-feira Santa e o Sábado de Aleluia, com a atenção voltada principalmente para os sujeitos (público em geral, comerciantes, organizadores, artistas), ao cenário (ambiente onde aconteceu a encenação e ao entorno) e o comportamento social (a relação da sociedade com o evento).

Segundo Ruiz (2008, P. 53) “observar é aplicar a atenção a um fenômeno ou problema, captá-lo, retratá-lo tal como se manifesta”. Além da observação direta, serão realizadas também entrevistas por meio de um roteiro estruturado com perguntas abertas e fechadas que ainda de acordo com Ruiz (2008, p.51) “Consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para pesquisa em andamento”. E para evitar o enviesamento da pesquisa, a amostra estabeleceu-se aleatória por conveniência, que segundo Oliveira (2001, p. 25) “é adequada e frequentemente utilizada para geração de ideias em pesquisas exploratórias, principalmente”.

Sendo o universo da pesquisa 14.792 habitantes (população do município de Mucajaí), a amostra utilizada do tipo não probabilística por julgamento, pois somente fizeram parte do estudo pessoas que possuíssem participação diretamente no evento, a amostra estabelecida foi de 120 habitantes, subdivididos em 60 homens e 60 mulheres em função da possibilidade de diferentes níveis de respostas.

Simultaneamente realizou-se busca nos jornais, revistas e nos órgãos de turismo do Estado e Município para coletar informações, materiais promocionais e notícias sobre o evento.

1.3 ORGANIZAÇÃO

A pesquisa será realizada combinando o método quantitativo e qualitativo do tipo estudo de caso. Para isso, será construído o referencial teórico, buscando reunir informações acerca de turismo, religiosidade e turismo religioso, nos quais servirão de base a esta investigação e pesquisa de campo com técnicas de observação e entrevistas (técnicas mais detalhadas no capítulo de procedimentos metodológicos).

O trabalho está estruturado em cinco capítulos, sendo que o primeiro está a Introdução, onde apresenta um parâmetro geral da pesquisa expondo à contextualização do estudo, apresenta a temática incluindo, objetivo e justificativa.

O segundo capítulo traz a Contextualização Teórica abordando a temática Turismo como atividade, planejamento e segmentação; Religião, origem, festas e celebrações. Contextualizando ambos por meio conceituais e tipologias a vista de diferentes autores.

A Contextualização do Objeto de Pesquisa trata da Encenação da Paixão de Cristo em Mucajáí nesse terceiro capítulo apresentando a história do município, origem do evento estudado, políticas públicas locais para o fomento da encenação como atrativo turístico, organização e representação religiosa, econômica, cultural e turística para o município.

O quarto capítulo expõe os Procedimentos Metodológicos detalhando a metodologia da pesquisa, métodos e procedimentos adotados.

O quinto expõem os resultados e discussão em relação à pesquisa de campo, apresentando os gráficos gerados e a interpretação dos mesmos.

2 TURISMO, RELIGIÃO E TURISMO RELIGIOSO

Para a realização desse trabalho inicialmente se fez necessário o embasamento teórico que trata sobre turismo, religião e turismo religioso.

2.1 TURISMO

O conceito de turismo segundo a Organização Mundial do Turismo (2001, p. 38) é apresentado de uma forma direta, clara e de fácil compreensão.

O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.

Mas algo que parece fácil é realmente complexo e há muitas controvérsias ao conceituar turismo. Como por exemplo, o apresentado pela autora Barretto em que apresenta o conceito de turismo a questões mais complexas que muitas vezes não são perceptíveis à maioria das pessoas:

O turismo é um fenômeno social que produz e reflete os problemas da sociedade em que é praticado, da política econômica, políticas públicas, na área de educação da saúde, da política trabalhista, da (in)justiça distributiva, em fim do modelo econômico político que essa sociedade escolheu (BARRETTO, 2005, p.85).

Sendo o turismo dessa forma não simplesmente o ato de viajar, passear, conhecer novos lugares, mas existem conceitos que vão além, como questões sociais, principalmente do local receptor, onde o turista com o olhar um pouco aguçado percebe questões na comunidade relacionadas à política, serviços de saúde, educação de forma geral, ou seja, se a cidade é boa para a própria comunidade local, se os mesmo se sentem felizes onde vivem.

O turismo não é um fenômeno simples de ser estudado e entendido, visto que é composto por vários setores diferentes, cada um com sua especificidade, o qual se faz necessário atuar no mercado com sincronismo para que a atividade

aconteça. Ainda é importante mencionar que a participação sendo, direta ou indireta do poder público, da iniciativa privada e da sociedade em geral permite o desenvolvimento do turismo de forma planejada e até então sustentável.

Na concepção da autora Barreto (2003) O turismo consiste por diferentes motivos: No deslocamento de pessoas que deixam por pouco tempo seus lugares de origem a fim de visitarem outros lugares, para tanto necessitam utilizar recursos do tipo equipamentos e serviços, a maioria desses destinados justamente para a atividade turística. Pode ser considerado atividade turística, o período do deslocamento e a permanência dessas pessoas fora de suas residências. Já os negócios turísticos são considerados os trabalhos realizados nos equipamentos ou durante a prestação de serviços que os viajantes fazem uso desde o planejamento até a execução da viagem e permanência. Podendo ser considerando quando o cliente busca uma agência de viagem, utilizam meios de transporte para chegar no destino, serviços de meios de hospedagem, alimentos e bebidas, entretenimento, compras etc. Até o retorno da viagem para casa, que muitas vezes por conta desse deslocamento ainda gera necessidade de gastos como revelações das fotos, por exemplo.

De acordo com Dias (2005), o conceito de turismo pode ser avaliado em duas linhas principais: como sistema econômico que nada mais é a indústria turística formada por empresas públicas e privadas que fornecem serviços diretamente à atividade turística, sejam elas para atender as necessidades de alimentação, hospedagem, lazer etc. E também o turismo como prática social e cultural norteadas para atender as necessidades psicossociológicas, permitindo diversas interações tanto de turista e a comunidade receptora, quanto com os prestadores de serviços, e ainda com outros turistas, desenvolvendo assim transformações sociais e culturais.

Para o entendimento do fenômeno turístico, estudar por partes facilita a compreensão, por exemplo, analisar o processo da geração da atividade turística, desde a saída dos turistas de seus lugares de origem até a chegada ao destino, e a volta para o lugar de procedência.

Esse processo iniciou de forma espontânea, desde a segunda metade do século XIX, de forma planejada pela sociedade capitalista industrial, seguindo até

a era contemporânea, onde houve um aperfeiçoamento no planejamento, focando nas teorias econômicas e administrativas, visando aumentar os impactos positivos por meio do capital disponibilizado pelos turistas às localidades receptoras e também controlar, a demanda de visitantes, para não sobrecarregar o meio ambiente natural e cultural. (BARRETTO, 2003).

Sendo assim se faz necessário entender que toda atividade necessita de planejamento, com a atividade turística não poderia ser diferente, pois é importante saber aonde se quer chegar, ou seja, quais os objetivos, metas, estratégias, processos, ferramentas, controles e avaliações que serão utilizadas para criar, preparar, promover, desenvolver e manter o atrativo turístico.

O destino turístico deve ser trabalhado da forma mais geral possível, envolvendo as partes interessadas e isso não se resume a poder público e empresas ligadas diretamente a atividade turística como meios de hospedagem, agências e restaurantes. Mas também, a população do lugar receptor, que muitas vezes aparentemente não tem nada haver com o assunto, porém, na verdade tem e muito, pois o destino deslançando turisticamente afetará todos e dependendo de como essa atividade será desenvolvida os impactos poderão ser positivos ou negativos.

Coccosis (1996) deixa claro como o planejamento influencia no destino, afirmando que em alguns destinos que revigorou a economia local, enquanto em outros, os destruiu, em alguns lugares, reforçou, enquanto identidade local outros, perdeu-se costumes, tradições e até mesmo relações sociais; em alguns espaços colaborou com a proteção do meio ambiente já em outros a destruição dos recursos naturais prevalece.

Ruschmann (1997) também ressalta que para realmente acontecer o planejamento e o desenvolvimento da atividade turística com responsabilidade necessita atenção com os limites de tolerância, ou seja, tendo preocupação com a saturação dos recursos físicos como cachoeiras, praias; recursos culturais bem como festas tradicionais e também com os recursos sociais, por exemplo, a qualidade de vida da comunidade receptora, garantindo assim que o turismo não extinga as bases potenciais que o fazem existir.

Interessante entender que a atividade turística geralmente é desenvolvida em produtos viáveis quase sempre se inicia por impulso em busca dos grandes resultados, trazendo consequências sociais e ambientais do desenvolvimento. Como sequela muitos destinos ainda estão tentando recuperar o que sobrou dos impactos negativos, implementando ações corretivas por não planejar e controlar o desenvolvimento do turismo Murphy (1985).

Para aprofundar o entendimento das relações no turismo, se faz necessário fundamentalmente compreender as relações entre turistas e anfitriões, mesmo não existindo muitas publicações em relação a esse aspecto da atividade, porém as existentes demonstram que os moradores se beneficiam economicamente, no entanto fora esse ponto não enxergam nenhuma outra vantagem que o turismo pode trazer para a comunidade. Em contrapartida, os turistas enxergam no habitante local apenas um recurso para seus objetivos. Dessa forma, tanto turistas como os anfitriões não se veem como pessoas simplesmente, mas como oferta e procura puro mercado, lucro, vantagens, realizações, satisfações, retorno. Entretanto, o turismo pode ser muito além dessa visão, tantos impactos positivos podem ser gerados, não unicamente o econômico, mas também ambiental e social (BARRETO, 2003).

A atividade turística tem-se especializado nas motivações/desejos dos consumidores, segmentando as vocações dos destinos, como turismo ecológico, turismo de sol e praia, turismo de eventos, turismo rural, turismo de aventura, turismo cultural, turismo religioso etc. A lista da segmentação turística é extensa e não para de crescer, acompanhando as mudanças, por exemplo, tecnológicas, climáticas, econômicas, que resulta na alteração do comportamento da sociedade.

O Ministério do Turismo (2010) entende ser relevante a segmentação de mercado como estratégia, compreendendo que a parte interessada demanda e oferta turística teriam assim os interesses mais aproximados. Para tanto, foi elaborado o projeto Destinos Referência em Segmentos Turísticos com a intenção de ordenar o trade local conforme as expectativas do mercado e a construção de um modelo referencial que sirva como exemplo para destinos com a mesma vocação.

A segmentação é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda (Brasil, 2010).

Ainda para o Ministério do Turismo, no que se refere à oferta, a segmentação é definida pelos tipos de turismo cuja identidade pode ser atribuída à existência de características podendo ser de atividades, práticas e tradições como, por exemplo: agropecuária, pesca, esporte, manifestações culturais, manifestações de fé; bem como de aspectos geográficos, históricos, arquitetônicos, urbanísticos, sociais, além de determinados serviços e infraestrutura na área de saúde, educação, eventos, hospedagem e lazer.

Figura 1: Segmentação do turismo

Turismo Social	É a forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidades, a equidade, a solidariedade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão.
Ecoturismo	Segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.
Turismo Cultural	<p>Caracteriza-se pela utilização de embarcações náuticas como finalidade da movimentação turística.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Turismo Cívico - caracteriza-se pela utilização de embarcações náuticas como finalidade da movimentação turística; 2. Turismo Religioso – configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas; 3. Turismo Místico e Esotérico – caracterizam-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos; 4. Turismo étnico – constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos.
Turismo de Estudo e Intercâmbio	Constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional.
Turismo de Esporte	Compreende as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de modalidades esportivas.
Turismo de Pesca	Compreende as atividades turísticas decorrentes da prática da pesca amadora.
Turismo Náutico	Caracteriza-se pela utilização de embarcações náuticas como finalidade da movimentação turística.

Turismo de Aventura	Compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo.
Turismo de Sol e Praia	Constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor.
Turismo de Negócios e Eventos	Compreende o conjunto de atividades turísticas decorrentes dos encontros de interesse profissional, associativo, institucional, de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social.
Turismo Rural	É o conjunto de atividades desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.
Turismo de Saúde	Constitui-se das atividades turísticas decorrentes da utilização de meios e serviços para fins médicos, terapêuticos e estéticos.

FONTE: Baseado em Brasil, 2010.

Percebe-se no quadro acima que as principais motivações que o indivíduo possa ter para realizar viagens foram contempladas, e uma delas com subdivisões, como o caso do turismo cultural, que se subdivide em: Turismo cívico (eventos para troca de bandeiras, posses de presidentes...), Turismo religioso (realização de peregrinações e romarias, contemplação de apresentações artísticas de caráter religioso...), Turismo místico e esotérico (práticas de meditação e de energização...), Turismo étnico (visitas em comunidades indígenas, quilombolas...). Ou seja, essas sub segmentações são consideradas como turismo cultural.

A segmentação para o Ministério do Turismo, Brasil (2008) é compreendida como uma necessidade de organizar a atividade turística com a finalidade de facilitar o planejamento e gestão. Para isso, considera como pontos importantes características comuns na identidade do destino, assim como identificação de grupos de consumidores diferenciados por meio do perfil das pessoas em relação a alguns aspectos que determinam suas decisões, preferências e motivações.

Com intuito de atender a proposta desse estudo, será direcionado o assunto para o turismo religioso, mas para tanto é necessário compreender o que vem a ser religião para posteriormente relacionarmos com o turismo.

2.2 RELIGIÃO

No contexto geral não há uma explicação completa e suficiente para a origem da religião. No entanto, Hume (2005) identificou os princípios que dão origem à crença original, este, considerou os avanços da sociedade desde as suas rudes origens a um estado de maior perfeição. Assim, sugeriu que o politeísmo e a idolatria foram, e não poderiam ter deixado de ser, a primeira e mais antiga religião da humanidade.

Sendo assim, o autor mencionado aponta que existem duas questões pertinentes quanto à investigação da religião. Assim sendo, a primeira corresponde ao fundamento racional e a segunda diz respeito à sua origem na natureza humana. Todavia a questão racional na visão do autor é a mais importante, pelo fato de admitir a solução mais óbvia ou pelo menos mais clara, pois estrutura da natureza indicia um autor inteligente e nenhum investigador racional, após uma séria reflexão, pode suspender por um momento a sua crença nos primeiros princípios do teísmo e religião genuínos. Mas a outra questão, aquela que diz respeito à origem da religião na natureza humana está exposta a maiores dificuldades.

Na visão de Feuerbach (1989, p.29) “[...] O sentimento de dependência é à base da religião [...]”. Dessa forma, os argumentos do autor comprovam que na religião o homem projeta sua própria essência, ou seja, seu sentimento idealiza um ser supremo e divino, dotado de determinações humanas, que nada possui de sobrenatural e transcendente, mas que sua constituição pauta-se necessariamente no homem e nas suas vontades, e desejos.

Diante deste discurso, pode-se reconhecer o aspecto psicológico-subjetivo da religião como base importante para sua origem, caracterizada pelo sentimento de dependência e, por conseguinte o objeto primeiro ou primitivo da religião, a natureza, pois estes dois aspectos são apontados pelo autor. Assim, constata-se que o mesmo defende que a origem da religião parte de um princípio psicológico. Neste aspecto, caracteriza a relação de dependência entre homem e natureza a partir do sentimento de medo existente no homem.

“Os antigos ateus e mesmo muitos deístas tanto antigos quanto recentes declararam ser o medo, que nada mais é do que o aspecto mais popular e mais evidente do sentimento de dependência, a mola-mestra da religião” (FEUERBACH, L. 1989, p.30).

No que se refere ao sentimento de medo como forma de expressar a conexão existente entre o homem e o objeto religioso, o autor sustenta que a religião surge não somente a partir do medo, como também através das experiências vivenciadas, “[...] uma vez que todos ou a maioria dos povos rudes fazem objeto de religião só ou principalmente os fenômenos aterrorizantes da natureza.” (FEUERBACH, L. 1989, p. 30).

Na tentativa de corroborar seus argumentos Feuerbach (1989) cita que os povos mais rudes, tanto da África do Norte quanto da América, eram temerosos aos rios, pois ambos observavam a formação de redemoinhos perigosos ao longo das cachoeiras. Dessa forma, o autor declara que os antigos povos africanos adoravam os espíritos maus, temendo fazer-lhes algum mal; do mesmo modo os espartanos, construíam templos para em oferenda ao ser que lhes causassem temor. Outro aspecto apresentado pelo autor é o sentimento de dependência, assim define:

“Sentimento de dependência e de finitude são então o mesmo sentimento. Mas o sentimento de finitude mais delicado, mas doloroso para o homem é o sentimento ou a consciência de que ele um dia certamente acaba, de que ele morre” (FEUERBACH, L. 1989, p. 36).

Outro sentimento é apontado pelo autor, o qual define de “fundamento da religião” este sentimento é a finitude, ou seja, a certeza da morte, que segundo ele é o alimento, o que nutre a religião, pois o homem mortal, temendo a morte, institui um Deus infinito e imortal. Assim, é idealizado um ser, soberano, e se consolida em corpo, mente e coração alienando-se a esse ser, em consequência do que poderá advir.

Portanto, conforme a proposta de Feuerbach (1989) na religião o homem objetiva sua própria essência, que o Deus adorado pelo homem nada possui de sobrenatural, muito pelo contrário, é um ser dotado de determinações puramente

humanas, esta tese fica bem clara, quando o autor expõe seus argumentos a cerca da origem da religião; defendendo princípios subjetivo-psicológicos como Germens para o sentimento religioso; como o sentimento de medo, de finitude do homem e o egoísmo humano; fundamentando o conceito proposto pelo próprio autor de que, Teologia é Antropologia.

Em meio a tantas mudanças no âmbito econômico, político e social manifestadas no decorrer da história é facilmente perceptível as peculiaridades que compõem o gênero humano, características moldadas pelas influências exercidas pelo espaço/tempo em que vivem; são culturas e tradições diferentes, pensamentos e crenças que se estabelecem e que são conflitantes; movendo o progresso das condições humanas, principalmente em aspectos como: política, ética e religião; questões referentes a Deus, e ao relacionamento do homem para com Deus, sempre haverão de permear os anseios da humanidade, sedenta por respostas e por motivos claros e indubitáveis a cerca da própria existência.

Feuerbach, (1989) em meio a tantas mudanças e paradigmas pressupostos em seu tempo, propõem-se a investigar e a analisar o homem sob uma ótica inovadora; dando vazão ao livre pensamento, concentrando seus esforços em solucionar as questões referentes ao homem utilizando-se apenas da racionalidade, ou capacidade intelectual, livrando-se dos devaneios ilógicos e irracionais, especialmente se tratando do tema religião; credita ao homem total autonomia e liberdade em relação a um possível ser supremo, e a partir do gênero humano e de suas determinações provar que a divindade adorada, nada mais é que a subjetividade do homem, projetada, idealizada, objetivada na forma de um ente supremo, denominado Deus.

Silva (2004) sustenta que a origem da palavra religião é latina *religio*, o que quer dizer conjunto de regras, observações, interdições, ou seja, não têm haver com ritos, manifestações, divindades, termos relacionados hoje à religião, pois o conceito de religião é resultado da história e cultura ocidental, que teve mudanças com passar do tempo.

Conforme Gaarder (1952, p. 12) a significação de religião é: “O batismo numa igreja cristã. É a adoração num templo budista. São os judeus com o rolo

da Torá diante do Muro das Lamentações em Jerusalém. São os peregrinos reunindo-se diante da Caaba em Meca”.

Na visão de Larson (2003) religião é um sistema de crenças aderidas a um indivíduo. Para facilitar a organização e análise dos estudiosos, tem sido utilizado o seguinte conceito: “religião é um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre humanos dentro de universos históricos e culturais específicos”. (SILVA, 2004, p. 4).

Portanto, a religião é algo característico das sociedades, pois muito difícil encontrar alguém que não tenha noção do que vem a ser esse termo, e muitas pessoas tem a própria bem definida, seja realmente praticante ou não, porém em contrapartida existem aqueles que não hesitam em afirmar que não possui religião, porém acreditam em “Deus”, assim como outros que não possuem nenhuma divindade como soberana.

Já o conceito de religiosidade popular conforme Saraiva (2010) origina-se no culto e faz-se presente em todas as civilizações. Dessa forma, consentem as mais diversas apreciações que de fato cooperam para o entendimento das relações do homem/crença e sociedade.

Manoel (2008) define ambas (Religião e religiosidade) como “produções humanas”, ao mesmo tempo históricas inseridas na esfera cultural, pois em muitas ocasiões estabelecem um conceito e uma filosofia da história. Entretanto, o autor reconhece que nem sempre a religiosidade se manifesta por meio de religiões institucionalizadas, assim afirma que:

A religiosidade, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga, quanto como explicação para o real vivido, ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos. Esse atributo humano não está referido a nenhuma religião específica, e é um domínio mais pertinente aos antropólogos e psicanalistas do que ao historiador.

Por essa razão, as práticas da religiosidade, muitas vezes entendidas como bruxaria, feitiçaria, “espiritismo”, nada mais são do que manifestações não institucionalizadas da religiosidade e exatamente por isso são sincréticas, livres e além de qualquer ortodoxia dominante (MANOEL, 2008, p.02).

Nesse aspecto, Andrade (2009) sustenta que a forma institucionalizada de se operar a fé, foi plantada através do projeto iluminista, o qual operou uma ruptura entre ciência e religião. Assim a esfera religiosa, que anteriormente submergia todos os ambientes da sociedade, ficou restrita somente aos espaços religiosos institucionais ou privados em pequenos grupos, e destinados a unicamente a fins religiosos.

O catolicismo foi imposto no Brasil, desde os primórdios da colonização, como religião oficial do Império e a única com permissão para realizar cultos públicos ou domésticos. “Descoberto em 1500, conquistado e colonizado pelos portugueses ao mesmo tempo em que catequizado pelos missionários mais representativos da Contra Reforma ibérica, os padres *jesuítas*” (GAARDER, 1952, p.305).

O Brasil foi um país *oficialmente católico* por quase quatro séculos. Mesmo depois de ele ter se tornado uma nação independente em 7 de setembro de 1822, manteve-se a Igreja católica oficialmente unida ao novo Estado-nação.

Portanto, a aliança entre a casa real portuguesa e o Vaticano possibilitou ao Império Português legitimar seus interesses temporais e seus métodos de atuação, sob pretexto da salvação de almas e a difusão da fé e culturas cristãs.

O controle exercido pela Coroa sobre a igreja colonial tornou o clero independente do poder real distanciando dos interesses de Roma. Apenas o clero das diversas ordens religiosas, sobretudo a jesuítica, permanecia fiel e mais próxima aos interesses institucionais e espirituais da Igreja de Roma.

A religião trazida era a fé católica, a religião do rei, que detinha não só o governo civil como também o eclesiástico. Esta concentração dos dois poderes na pessoa do rei de Portugal veio a ser chamada de *padroado*, e se constituía em um sistema que dava poderes à Coroa Portuguesa para administrar e decidir as questões eclesiásticas em suas colônias (MONTEIRO, 2009, p. 78).

Nas futuras capitais estaduais do país em construção, onde exercia alguma influência e tentava preservar a ortodoxia do culto católico e onde o controle sobre a vida de seus fiéis; ou ainda, vivia em aldeamentos isolados em que buscava a conversão de indígenas. “Com o Império, o padroado passou da

Coroa portuguesa para o imperador d. Pedro I, em 1827. O catolicismo tornou-se, então, a religião oficial do Estado brasileiro” (GAARDER, 1952, p.306).

O padre passava por eles esporadicamente, às vezes apenas uma vez ao ano para batizar os nascidos, casar os ajuntados, ouvir as confissões e rezar a missa.

Diante dessa premissa o autor declara que em consequência dessa ausência e presença do clero, gerou a formação de diferentes tipos de catolicismo. “Essa configuração conforme a presença ou ausência do clero e segundo de sua manifestação a formação de diferentes tipos de catolicismo” (NEGRÃO, 2008, p. 263).

Conforme o autor foi disseminado no Brasil o Catolicismo Colonial, Catolicismo Patriarcal, Catolicismo contemporâneo e Catolicismo popular. Dessa forma, o Catolicismo Colonial era uma religião obrigatória, exceto os indígenas, aos quais se exterminava ou se convertia. Os que aqui nasciam tinham que adotá-lo, mesmo que não compreendessem.

[...] Os negros escravizados eram batizados no porto de procedência ou de desembarque. Já os judeus, sob pressão de serem perseguidos pelos inquisidores, de perderem seus bens ou mesmos suas vidas. Dessa maneira importava mais parecer do que ser católico.

Era vital ir a missa e rezar publicamente, respeitar os dias santos, batizar seus negócios com nomes santos católicos.” (NEGRÃO, 2008, p. 263).

Assim, os indígenas dispunham-se a aceitar os aldeamentos onde eram cristianizados e doutrinados. Os negros continuaram a homenagear seus deuses ancestrais identificando-os como santos católicos e realizando seus rituais diante de altares. Os judeus frequentando missas e rezando corretamente. A vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808 pouco alteraram o panorama religioso no período.

Mas a proclamação da república em 1889 e sua constituição logo depois estabelecida que criaram as condições para uma sociedade pluralista laica que se desenvolvia ao longo do século XX, com a separação do Estado Republicano da Igreja Católica e a instituição do princípio da liberdade religiosa (NEGRÃO, 2008, p. 265).

Contudo não significou a perda da hegemonia católica e de sua influencia na vida cultural e política brasileira. Assim Negrão (2008), afirma que:

A Igreja Católica continuou a cooperar eventualmente com o Estado Republicano, como no combate às heresias messiânicas e a impor seus princípios religiosos, às constituições, como a proibição do divórcio e do aborto legal. A Igreja Católica aproveita sua recente liberdade para reaproximar-se da Ortodoxia Vaticana. Os padres passam a ter uma formação seminarística mais cuidadosa, são nomeados bispos apenas os mais dedicados e ultramontanos trazem-se ordens religiosas europeias para administrar os santuários e demais serviços religiosos, busca-se inculcar um catolicismo menos mágico e devocional e mais cristocêntrico nas camadas populares (NEGRÃO, 2008, p. 266).

A herança do Catolicismo Colonial e Imperial foi, de certa forma preservada, apesar das profundas transformações republicanas. Não obstante da obrigatoriedade a maioria exterior, pouco internacionalizada ou de convicção pessoal, traço que ainda persiste em boa parte dos católicos brasileiros. O Catolicismo Patriarcal referido foi à forma dessa religião que se adaptou ao sistema patrimonialista vigente nas grandes plantações de produção.

O padre servia ao mandatário local, além de realizar os cultos públicos e domésticos, ensinava as crianças da casa a ler e escrever, promovia a harmonia interna entre a parentela e externa entre o senhor e seus escravos ou agregados, como braço benevolente do mesmo, que contava com feitores e capangas para submeter os que não viam o padre (NEGRÃO, 2008, p. 266).

Já no Catolicismo Popular, sem a presença próxima do clero, os habitantes dos vilarejos e dos bairros rurais dispersos pela imensidão do país em formação preservaram suas crenças e práticas de modo particular. Assim difundindo, o Catolicismo Popular urbano, com formação de irmandades e ordens terceiras. “[...] centrado no culto aos santos, sobretudo aos padroeiros com suas promessas e novenas, e nas rezas católicas tradicionais [...]” (NEGRÃO, 2008, p. 265).

Ao auto definirem suas práticas em seus cânticos (muita reza, pouca missa; muito santo pouco padre) mostravam os católicos populares seu distanciamento da igreja e de seus clérigos. Criaram seus próprios papéis religiosos: os rezadores especializados, os festeiros que organizavam as festas, os benzedores e curadores, o monge (no sul) ou o beato (no nordeste) itinerante. Em certas ocasiões em que o sacerdote estava presente a tensão era latente, e ocasionalmente manifesta, por este condenar certos aspectos tidos como profanos das devoções e pelas tentativas que fazia de enquadrar as práticas na Ortodoxia Católica. Por vez, este tipo de catolicismo alcançou extrema autonomia diante da Igreja e do Estado, como no período de transição dos brasileiros (NEGRÃO, 2008, p. 266).

Amaral (2001) questiona que as festas oscilam ao mesmo tempo entre dois pólos, o primeiro corresponde a cerimônia (sob a forma de culto), e o segundo corresponde a festividade (sob demonstração de alegria e regozijo). Todavia, a autora sustenta que elas podem se distinguir dos ritos cotidianos por sua amplitude e do mero divertimento pela densidade. Na verdade, os dois elementos têm afinidades.

Existem, entretanto, tipos de festas em que estes aspectos aparecem dissociados e até opostos. A razão dessas dissociações e interpenetrações parece relacionar-se ao caráter simbólico das festas. Festeja-se sempre algo, mesmo quando o objeto seja aparentemente irrelevante. A função do símbolo parece não estar então, simplesmente, em significar o objeto, o acontecimento, mas em celebrá-lo, em utilizar todos os meios de expressão para fazer aparecer o valor que se atribui a este objeto (AMARAL, R. 2001, p. 8).

Partindo dessa premissa, alguns aspectos das celebrações religiosas de algumas civilizações ao longo do tempo, podem ser destacados, como por exemplo, na Roma Antiga, que conforme Santos (2010), as festas religiosas eram de cunho civil, ou político, como os casamentos e outras de cunho religioso. Porém, as festividades religiosas eram exclusivamente relacionadas ao ciclo agrário. Assim, a autora explica que:

Logo no início do ano havia duas festividades, a *sementivae feriae* e a *paganicae*. Ambos eram festivais de sementeira, só diferiam no fato de que a primeira era comemorada na cidade de Roma e a segunda nos distritos rurais. Estas festas eram celebradas em Janeiro, pois, uma vez que o Império Romano situava-se no hemisfério Norte, é nessa época que o inverno começava a abrandar, e a terra se encontrava no período propício para o plantio das sementes. Não possuíam data fixa em

decorrência da dependência do clima, e cabia aos pontífices anunciar a data da comemoração. Eram comemoradas uma vez, e novamente após sete dias.

Outra festa, que começava, no final de abril, no quarto dia antes da calenda de Maio, era a *Floralia*, festa em honra à deusa Flora, que se estendia até o início de maio. Flora era a deusa das plantas e das árvores, chamada por Ovídio de Mãe das Flores. Era considerada a potência da natureza que presidia a tudo que floresce, não só nos jardins, como nos campos. A *Floralia* era uma das festas mais populares de Roma.

As Saturnaliae eram celebrações em homenagem ao deus Saturno, que era um dos deuses mais venerados pelos antigos romanos. Suas festividades, que duravam sete dias, e ocorriam no final de dezembro, eram umas das mais populares. Ele era considerado “o Deus da origem primeira, o Deus da Idade do Ouro, da idade áurea” (SANTOS, BERTASSONI DOS, 2010, p.2) [*grifo nosso*].

Santos (2010) sustenta que as festas religiosas na Roma Antiga serviam de guia em relação ao tempo, ou seja, ao observar os fenômenos naturais os antigos povos tinham uma noção Geral do tempo a qual estavam inseridos.

[...] as celebrações possibilitavam demarcar com exatidão os dias, semanas e meses. Ao demarcarem, o início de um ano, o fim de um ciclo produtivo, as mudanças de estações, a época de semear e a época de colher, essas festas passaram a determinar o próprio ritmo de vida da população, e assim se tornaram mecanismos eficientes de mensuração do tempo (SANTOS, BERTASSONI DOS, 2010, p.2).

Conforme Gaarder et al (1952) as festas religiosas gregas eram lugar da experiência do sagrado e a sua característica fundamental é a de serem uma condução da alma.

As religiões sem histórico fundador, segundo Gaarder et al (1952) celebram a vida da comunidade na sua dimensão social e no seu estado natural ou cósmica. Os autores citam como exemplo o Xintoísmo, a festa do (mais o-bom celebração do Japão com o Ano Novo), realizada em agosto, reúne viver numa aldeia ou bairro para celebrar o espírito dos ancestrais de volta a Terra neste momento.

Já nas religiões proféticas, os autores citados acima sustentam a realização das festas para comemorar normalmente o seu nascimento, o início de seu ensino ou sua iluminação, sua morte, sua deificação etc. Assim, frequentemente, essas religiões reinterpretem festivais relacionados aos ciclos naturais, ligando-os a eventos históricos do seu ciclo de profético: é, por exemplo,

o caso do judaísmo que tem reutilizado festivais de colheita os antigos hebreus, em conexão com a história sagrada.

No entanto, na visão de Durkein (1989) a relação entre cerimônia religiosa e a ideia de festa é apontada como a aproximação entre os indivíduos, pelo estado de “efervescência” coletiva que propicia e pela possibilidade de transgressão às normas. Assim define que: “as festas teriam surgido da necessidade de separar o tempo em dias sagrados e profanos” (DURKHEIM, 1989: 373).

“Toda festa mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital, etc” (DURKHEIM, 1989:547).

Saraiva (2010) contrapõem essa visão ao elucidar que o momento da festa religiosa é efetivamente um espaço religioso que não separa o mundo em sagrado e profano, nela tudo é potencialmente sagrado, ainda que não seja equitativamente, já que certos lugares, certos tempos e objetos o são mais que os outros.

O autor mencionado acima sustenta também que os festejos se caracterizam por serem manifestações de fé, de agradecimento por benefícios alcançados e renovação dos pedidos feitos à imagem do santo protetor. Podemos considerar que as festas de santos são promessas coletivas que visam o bem estar da comunidade.

Amaral (2001) sustenta que festa é mais que uma ocasião de inclusão social. Neste sentido, a autora aborda que a festa foi inserida em nossa civilização há dois ou três séculos.

A festa religiosa parece representar, portanto, um espaço imaginário diferente, onde o homem se liberta do constrangimento das hierarquias econômicas e sociais, propondo seus ideais ou fantasiando

sobre o futuro. Os mistérios e dramas litúrgicos são aspectos dessa imensa tentativa de impor ao mundo (desde o período feudal, pelo menos, e nas sociedades ocidentais) uma igualdade mítica que contradiz a realidade cotidiana: utopia viva, a festa supõe uma imagem do homem diferente daquela que lhe impõe o sistema social (AMARAL, R. 2001, p.9).

A festa é um fato social, um ato coletivo, que constitui o momento e o espaço da celebração. Como ato coletivo, representa uma das ocasiões mais intensas de compartilhamento de experiências e produção de discursos e significados, é um espaço por meio do qual se veiculam as crenças e os valores do grupo, constituindo-se num momento de afirmação da identidade coletiva e percepção de conscientização sobre o pertencimento a um determinado grupo.

O caráter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões conhecidas, à pausa no trabalho, suspensão da vida pública e privada, à medida que eles não apresentam objetivo religioso (DURKHEIM, 1989, p. 372).

Monteiro (2009) aponta que houve expressivas manifestações artísticas no Brasil colonial, notadamente no âmbito religioso, não só no que diz respeito às artes plásticas, mas à música, utilizada tanto nas missas quanto nas procissões e festas religiosas.

Conforme Savalli (2007) na colônia, as irmandades e confrarias mencionava o papel da comunidade na participação e organização das festas religiosas e das procissões. Somava-se à solidariedade a ostentação ou exibição do poder individual. Assim, “as festas coloniais procuravam moldar a população à aliança entre a Igreja e o Estado interferindo nas formas de sociabilidade dos colonos. Pode-se afirmar que as festas no período colonial criam a ponte entre o mundo sagrado e profano” (SAVALLI, 2007, p. 4).

Na Colônia, festas e procissões permitiam a junção das camadas sociais para o divertimento, a fantasia e o lazer. Mas, de acordo com Del Priore (2000, p.49), não era só isso. “Havia vários sentidos nas funções aparentemente irrelevantes da festa dando persistência a certas maneiras de pensar, de ver e de sentir”.

As festas brasileiras desde os primeiros séculos de colonização. O espaço de sociabilidade, para a maior parte da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas. As práticas católicas eram marcadas por efusivas manifestações de fé visíveis nas missas com corais, nas procissões caminho do devoto à Casa do Pai repleta de alegorias e nas festas com músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício (JURKEVICS, 2005, p. 01).

Assim, os traços característicos da religiosidade colonial rompia a rotina do cotidiano no Brasil. E de acordo Jurkevics (2005) era comum à participação dos moradores locais e dos arredores, os quais compunham as diversas irmandades e ordens terceiras, estas organizavam os eventos, especialmente para celebrar os seus santos protetores. Deste modo, o autor sustenta que as festas organizadas pelas confrarias combinavam missas, sermões, *te-deuns*, novenas e procissões com danças, coretos, fogos de artifício, barracas de comidas e bebidas.

Em conformidade com a religiosidade colonial, nos dias atuais, o Brasil possui algumas celebrações religiosas populares, incorporadas no calendário religioso, ao longo da história brasileira, marcadas por intensas provações de fé, e influenciadas pelas próprias regiões onde são celebradas atraindo milhares de devotos. Como exemplos podem ser citadas conforme Jurkevics (2005):

No Acre, na cidade de Cruzeiro do Sul, a festa de Nossa Senhora da Glória ocorre desde 1912, sendo considerada um dos maiores eventos da região. O novenário em homenagem à santa padroeira se estende de 06 a 15 de agosto, quando a imagem é conduzida em grande procissão. Os organizadores estimam que mais de 25 mil pessoas participem dos festejos.

Em Macapá (AP), o dia 19 de março é consagrado a São José, e durante uma semana 15 mil pessoas, aproximadamente, participam das procissões, do arraial e das rezas.

Em Borba, município amazonense, na primeira quinzena de junho, há mais de 200 anos, celebra-se Santo Antônio, com romarias, procissões e novenas. O número anunciado de participantes, nos últimos anos, é expressivo, em torno de 40 mil, principalmente se avaliarmos as distâncias entre Borba e Manaus: 215 km, por via fluvial e 150 km, por via aérea. Possivelmente um dos fatores que atraem tantos devotos seja a divulgação de que aquele município é o primeiro da América Latina e o quinto do mundo a preservar fragmentos mortais do santo padroeiro que, supostamente, teriam vindo diretamente de Pádua, na Itália.

Outra procissão fluvial de grande repercussão em Manaus é a de São Pedro, padroeiro dos pescadores que, no dia 29 de junho, se inicia no

Rodway, principal porto pluvial do estado, percorrendo toda a Bacia do Rio Negro.

O maior evento religioso do Estado de Alagoas ocorre anualmente em Penedo, na segunda quinzena janeiro. Trata-se da tradicional procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes, que chega a contar com 100 mil pessoas que participam do cortejo pela águas do “Velho Chico”.

Outro destaque do *Roteiro da Fé* é a Festa da Nossa Senhora da Boa Morte, tida como a mais mística do estado baiano. Celebrada desde os primórdios do movimento abolicionista, a festa preserva ainda hoje seus traços característicos, marcados pelo sofrimento dos escravos. E este é o significado da celebração: o agradecimento a Nossa Senhora pela libertação dos cativos. Nesta festa, de acordo com as informações dos organizadores, estão presentes tanto elementos do catolicismo quanto de culto afro, típico exemplo do fenômeno de circularidade cultural, em que os elementos culturais transitam num mesmo contexto, mesclando-se continuamente (JURKEVICS, 2005, p. 02).

Contudo, Composto esse elenco das festas devocionais brasileiras destacam-se por suas grandes e representatividades as Folias de Reis, as Festas do Divino Espírito Santo e o Círio de Nazaré.

Jurkevics (2005) sustenta que a Folia de Reis, também chamada de Reisado ou a Festa dos Santos Reis busca rememorar a jornada dos reis Magos, Gaspar, Melchior e Baltasar, a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento do Salvador, quando levaram para o menino Jesus ouro, incenso e mirra. Esta celebração, no entanto faz parte do ciclo natalino, é marcada pelo cortejo dos foliões que desfilam cantando nas ruas das cidades.

Esta festa, assim como várias outras, foi trazida pelos portugueses no início da colonização, cujas raízes se encontram na Festa do Sol Invencível, comemorada inicialmente pelos egípcios e, mais tarde, incorporada pelos romanos. Essa celebração, na sua primeira versão, acontecia em 6 de janeiro e a romana em 25 de dezembro, de acordo com o calendário gregoriano.

Dessa forma, o cortejo se aproxima de uma casa, geralmente enfeitada com arcos de bambu, e seu dono vem recebê-los no portão, tomando a Bandeira e levando-a para dentro. O casal de festeiros, donos da casa, “rei e rainha” recebem a bandeira, rezam o terço, em frente ao altar.

Os palhaços e os músicos seguem sua “guia”, começando a cantoria. Quando há um presépio, os palhaços tiram seus capacetes e se ajoelham, enquanto os músicos cantam uma série de versos em que narram sua interpretação da jornada dos Reis Magos rumo a Belém (JURKEVICS, 2005, p. 03).

A Festa do Divino Espírito Santo, conforme Jurkevics (2005) representa uma das mais importantes celebrações da Igreja Católica, foi congregada às celebrações portuguesas a pedido da rainha Isabel originando dos principados medievais de origem germânica em fins do século XIII.

Assim, a autora cita que a festa inicia-se com o levantamento do mastro da Bandeira do Divino no Domingo da Páscoa, e são escolhidos o festeiro, o capitão do mastro e o alferes da bandeira. “A partir dessa data e durante os quarenta dias seguintes, os integrantes da Folia do Divino percorrem a região circunvizinha, conduzindo a bandeira, visitando as casas e recolhendo donativos, em dinheiro, alimentos ou objetos para serem leiloados” (JURKEVICS, 2005, p. 04).

Considerada a maior manifestação religiosa do Estado do Pará e uma das maiores do país, A Festa do Círio de Nazaré, conforme menciona a autora citada acima, ocorre todos os anos, durante o segundo final de semana do mês de outubro, onde uma multidão de pessoas aglomera-se nas ruas da cidade de Belém do Pará para celebrar a fé em N. S. de Nazaré. O número de fiéis que participa dessa celebração aumenta a cada ano, movimentando a cidade.

Não obstante, poderia ressaltar outras festas religiosas em destaque no âmbito nacional. Entretanto, o objeto de estudo é focado na celebração da Páscoa, e a celebração da Paixão de Cristo, no entanto será tratado como foco principal.

Para a Igreja Católica, as datas religiosas e os tempos litúrgicos são sempre muito comemorando como uma maneira de lembrar fatos num clima de graças e de louvor. Um desses tempos é a Quaresma, um dos mais tradicionais da Igreja.

Conforme Aldazábal (2012) a Quaresma vem do latim, *quadragesima dies* (o dia quadragésimo, antes da Páscoa). Sendo o tempo de preparação pelo qual se sobe ao monte santo da Páscoa. Inicia na Quarta-Feira de Cinzas e termina pela tarde de Quinta-Feira Santa, antes da Missa Vespertina da Ceia do Senhor, com que se inaugura o Tríduo Pascal.

É na Quaresma que os católicos se preparam para a Páscoa, nesse período de quarenta dias os fiéis procuram se aproximar de Deus por meio de orações e sacrifícios, nessa época o roxo é tida como a cor litúrgica que representa o luto e penitência. Toda essa prática espiritual é um caminho para a grande celebração da Páscoa. A última semana é considerada importantíssima para a Igreja Católica Apostólica Romana: a Semana Santa que, segundo Aldazábal (2012).

Chama-se Semana Santa à última semana da Quaresma, a que prepara e introduz na celebração da Páscoa. Começa com o Domingo de Ramos ou da Paixão, e termina com o início do Domingo de Páscoa. Abarca, portanto, dias de Quaresma, até à Quinta-Feira Santa à tarde, e os dois primeiros dias do Tríduo Pascal. A nível de conteúdo, portanto, não é uma semana unitária.

Para a Igreja Católica a semana santa inicia-se no Domingo de Ramos e encerra-se no sábado santo, onde à meia noite, se realiza a Vigília Pascoal, considerada a maior de todas as vigílias em memória da ressurreição de Jesus Cristo. Realizada para lembrar a entrada de Jesus de Nazaré na cidade de Jerusalém. Esta celebração tem dois momentos. O primeiro, em que são feitas a Bênção dos Ramos, e uma pequena procissão para dentro da igreja, simbolizando a entrada de Cristo e Jerusalém, e o segundo, onde é celebrada uma missa, sendo que nessa ocasião é feita uma reflexão sobre a Morte e Ressurreição do Senhor. Ao final, os ramos de oliveira ou palmeira são levados pelos fiéis para serem colocados em uma cruz nas suas casas simbolizando a força da vida e a esperança da ressurreição.

A segunda, terça e quarta-feira da semana santa, também chamada popularmente de dias de trevas, são uma preparação para o tríduo Santo (quinta, sexta e sábado), ou seja, Ceia do Senhor, ou última ceia, ou instituição da eucaristia na quinta feira; Crucificação e Morte do Senhor na sexta-feira; e Páscoa do Senhor, no Sábado de Aleluia e Domingo de Páscoa.

De acordo com o relatório de Perina (2001), a quinta feira santa sofreu várias mudanças ao longo dos séculos. Na Igreja Romana, até o século VII, a quinta-feira santa marcava o fim da Quaresma e do jejum penitencial, e o início do

jejum na esperança da Ressurreição do Senhor, a partir da sexta-feira santa. A liturgia da quinta-feira santa sofreu acréscimos, um deles foi à criação de um “tabernáculo provisório” com a função de transportar o que restou das espécies sagradas (hóstias consagradas), seguindo um ritual de honra. Outro acréscimo estabeleceu que o altar não devesse conter toalhas, flores e ornamentos a fim de representar o despojamento de Cristo na Cruz. Esse último é praticado hoje, na sexta-feira santa.

Perina (2001) cita, ainda que em 1955, o Papa Pio XII acrescenta a Celebração Eucarística na Ceia do Senhor. Essa celebração é realizada à noite. Nela, acontece também o lava-pés, recordando o gesto de Jesus em lavar os pés de seus discípulos e simbolizando que todos devem servir aos outros com humildade, gratuidade e amor. Ao final da missa, há a cerimônia de adoração ao Santíssimo Sacramento (hóstia consagrada em corpo de Cristo). Esse dia é dedicado à Santa Eucaristia e ao Sacerdócio, já que Cristo instituiu esses dois sacramentos um dia antes de sua morte.

Na quinta-feira santa, pela manhã, é realizada a benção dos Santos Óleos. Esta celebração é realizada nas Catedrais das Dioceses, presidida pelos Bispos. Esta cerimônia é feita na manhã da quinta-feira santa.

Na sexta-feira santa a Igreja celebra a morte do Senhor. Segundo Perina (2001), é um dia de respeito, silêncio e simplicidade, quando se deve recordar e compreender a dor e o sofrimento de Jesus e refletir sobre o perdão de todos os pecados da humanidade. Em memória aos sofrimentos de Cristo, a Igreja não celebra a missa. A celebração é dividida em Paixão Proclamada, com a liturgia da palavra; Paixão Invocada, com solene oração universal, realizada pela Igreja para as comunidades do mundo inteiro; Paixão Venerada, com a adoração da Cruz, local onde estão centradas as dores de Jesus; a Paixão Comungada, com a comunhão eucarística. É nesse dia também que se lê o relato da Paixão e fazem-se as procissões da via-sacra – ou caminho da Cruz, com as suas quinze estações, em grandes preces pela Igreja pelo mundo, e a seguir, a adoração da Cruz.

Sábado santo, conforme relata Perina (2001) é chamado de Vigília Pascal, ou Sábado de Aleluia. No início do cristianismo, o sábado santo não tinha

liturgia, e a eucaristia não era celebrada. No século II, a Vigília Pascal era marcada pela celebração da palavra, do batismo dos neo-catecúmenos, ou seja, aqueles que iriam entrar, pelo batismo, na comunidade dos cristãos; e pela celebração eucarística. A partir do século IV, teve início a celebração do Sacratíssimo Tríduo do Senhor Crucificado, Sepultado e Ressuscitado. A expressão Tríduo Pascoal só passou a ser usada em 1930. Com as reformas litúrgicas do Papa Pio XII e o Vaticano II, as celebrações sofreram grandes mudanças. Segundo a tradição da Igreja, esta noite deve ser comemorada em honra do Senhor.

No domingo de Páscoa, as comunidades católicas se reúnem para exaltar Jesus Cristo que venceu as barreiras da morte, ressuscitando e inaugurando assim, o destino de todos aqueles que creem e o seguem: a vida eterna.

Dentro da semana santa, a Igreja católica reza a via-sacra na sexta-feira santa, em que se revivem os acontecimentos de Jesus à luz dos quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João.

Para os cristãos a páscoa consiste em uma das mais importantes datas do calendário de festividades, são evidenciados os três dias que marcam a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Quanto ao significado da páscoa Tomaz e Pelegrini (2009) explicam que:

A Páscoa Judaica ou *Pêssach* é uma festa religiosa comemorada pelo povo judeu, evocando a passagem da escravidão no Egito para a condição de liberdade conforme evento descrito na *Torah* (Livro Sagrado dos Judeus) (TOMAZ, PC; PELEGRINI, SCA, 2007, p. 01).

Na celebração da páscoa há alguns rituais que conforme Tomaz e Pelegrini (2007) pertencem a mandamentos presentes no livro de Êxodo, capítulo 12, onde está definido que no décimo quarto dia de Nissan deve-se retirar todo fermento (chamets) de dentro da casa, porque a lei proibido o consumo de alimentos fermentados no período da festa.

A proibição de se comer pão com fermento nessa festa deve-se a explicação de que os judeus saíram apressadamente da terra do Egito e

não houve tempo para que a massa levedasse. Nesse período de festa só é permitido aos judeus a ingestão de pão sem fermento (pão asmo).

[...] os membros da família percorrem todos os aposentos da casa buscando onde possa haver qualquer alimento fermentado como migalhas de pão, biscoitos, ou outro produto semelhante. Costuma-se também colocar no interior da casa dez pedaços de pão bem embrulhados, para que não se caia nenhum farelo, espalhando-os livremente pelo ambiente a fim de serem achados e coletados pelas crianças, as quais, munidas de uma pena, irão “varrer” o chametz encontrado (TOMAZ, PC; PELEGRINI, SCA, 2007, p. 06).

Para os cristãos a Páscoa representa a passagem de Deus na forma da pessoa do Filho Jesus, para a salvação e libertação de todas as nações até os confins da Terra, abrindo de vez as portas para uma vida terrena em plenitude e sem medo da morte, pautada na promessa da vida eterna e da adoção filial de todos os que confiam no Senhor. Essa passagem se dá, no período da Páscoa, através de sacrifício humilde expiatório, pois, para os cristãos, Deus fez-se o cordeiro passivo, sacrificado usado em expiação de todos os pecadores.

2.3 TURISMO RELIGIOSO

O turismo religioso é um segmento da atividade turística em expansão no Brasil e está se fortalecendo, principalmente pelo país ter tradição religiosa. Entretanto, vários autores que escrevem a respeito desse fenômeno contradizem a veracidade desse termo. Exponho alguns pensamentos que retratam exatamente diferentes visões acerca do segmento.

Observa-se que o tipo de turismo que mais cresce é o religioso, facilmente, pois as religiões atuam como significantes agentes culturais, na preservação das manifestações de proteção a valores antigos e principalmente pelo poder que possui de intervenção na comunidade, garantindo o amanhã das pessoas e das sociedades (ANDRADE, 2004). O mesmo autor caracteriza o turismo religioso como sendo:

O conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões (ANDRADE, 2004, p. 77).

Abumanssur (2003, p. 58) explica a relação turismo, religião resultando em fenômeno religioso e não em turismo religioso, como expõem a maioria dos autores. “Nem todo turismo é uma forma de religião, nem toda peregrinação é uma forma de turismo. Mas, quando turismo e religião convergem em um mesmo evento, temos aí um objeto fecundo de oportunidades de compreensão do fenômeno religioso.”

Interessante essa abordagem, pois o turismo religioso tem como uma das características a curta duração da atividade, muitas vezes se resume ao tempo da programação estipulada, por exemplo, um espetáculo, cerimônia, círio, culto etc. Muitos não chegam nem a utilizar dos equipamentos turísticos: hospedagem, restaurantes, agências. Gazoni (2003, p. 97) apresenta o pensamento em relação o turismo religioso.

O turismo religioso pode ser realizado, através de festas religiosas celebradas periodicamente, espetáculos e representações teatrais de cunho religioso, congressos, encontros, seminários, ligados às atividades de evangelização dos fiéis e, principalmente viagens a lugares sagrados.

O turista religioso aproveita a viagem para visitar lugares que não estão relacionados à fé, ou seja, a motivação vai além da religiosidade, participam de festas profanas, visitas para contemplação da arquitetura e também algumas dessas atividades ocorrem paralelas as que acontecem nos lugares santificados. (MORAES, 2003, p. 218).

Considera-se ainda que falta consciência epistemológica e metodológica que rotule o termo “turismo religioso”, ou seja, ele ainda não possui legitimidade “científica”, sendo muito mais uma categoria “nativa”. Sendo necessários mais estudos e análises, não simplesmente adotar o termo como comprovado e pronto. (SILVEIRA, 2003, p.76).

Em se tratando dos questionamentos das motivações do turista religioso, admite-se ser difícil identificar o que vem a ser motivação turística em geral, por conta disso não é correto julgar ou tentar classificar a verdadeira motivação de um grupo de peregrinos, por exemplo, seria o mesmo de duvidar da real motivação dos participantes de um congresso de negócios, onde é normal muitos saírem do evento sem fazer negócio algum, aproveitando o momento para atividades alheias, nem por isso questiona-se a existência do turismo de negócios. (OLIVEIRA, 2005, p. 331).

Dias (2003, p. 29) percebeu a necessidade de classificar os atrativos religiosos, graças ao grande conjunto de manifestações motivadas pela religiosidade e que atraem públicos significativos, com base na realidade brasileira e que pode ser utilizada para qualquer localidade. Essa classificação dos atrativos turísticos religiosos foram feitas em seis diferentes tipos, considerando a área do destino, objetivo final da viagem e a motivação dos turistas. Sendo eles: Santuários de Peregrinação, Espaços Religiosos de grande significados histórico-culturais, Encontro e Celebrações de caráter religioso, Festas e Comemorações em dias específicos, Espetáculos Artísticos de cunho religioso, Roteiros da Fé.

Silveira (2007, p. 97) afirma que existem diversas manifestações religiosas, porém três tipos são os mais estudados, mencionado como primeiro o patrimônio arquitetônico podendo ser representado pelas igrejas barrocas, templos budistas e protestantes, o segundo tipo é o ritual, percebido na Semana Santa, ritos celebrativos ou de comemoração e o terceiro tipo de manifestação religiosa apresentada pelo autor são os eventos como, por exemplo, as festas religiosas, festivais de música.

Oliveira (2004, p.31) apresenta os tipos de roteiros turísticos dentro de uma cultura religiosa. O primeiro trata da relação do lugar de visitação tido como profano com a sacralidade, considerado como morada da divindade ou do santo padroeiro. O segundo tipo de roteiro possui características simbólico-ritual representado pelas procissões, cortejos e curtos trajetos realizados no entorno ou até mesmo no ambiente interno do santuário que representa o espaço religioso. O terceiro modelo, menos frequente, porém mais livre para inovações são os roteiros de espetáculo, realizados, na maioria das vezes, como apelo turístico, para tanto são inseridos aspectos principalmente culturais e artísticos, com intuito de atrair cada vez mais público, visando retorno principalmente econômico, que muitas vezes acontece a descaracterização da religiosidade.

O turismo religioso é um segmento que atrai números expressivos de turistas, o que pode ser comparado ao turismo de massa, fenômeno social, comum do século XX. As facilidades das viagens implicaram a oferta de produtos turísticos admiráveis para grandes contingentes populacionais. Os pacotes turísticos passaram a ser acessíveis pela baixa dos custos, permitindo assim uma boa parcela da população usufruir desses serviços. Porém, o turismo de massa não significa apenas a quantidade de gente envolvida em viagens. O volume de pessoas em trânsito impõe aos agentes turísticos a necessidade de que seja dado, a esse contingente, um tratamento-padrão, nivelado, homogeneizado e indiferenciado. (ABUMANSUR, 2003, p 56).

O turismo religioso não difere dos outros seguimentos da atividade turística, que muitas vezes sofre certa hibridação de acordo com o comportamento dos visitantes, onde os mesmos aproveitam a oportunidade da viagem para fazer diversas atividades fora da principal motivação, como:

compras, visitas a monumentos históricos, praias, atrativo natural etc. Além disso, as programações desses eventos religiosos, a fim de aumentar a demanda e o tempo de permanência no destino geralmente estão ligados as atividades profanas, fortemente presente nos arraiais, círios e espetáculos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

No primeiro governo de Getúlio Vargas, o país lança as bases da nova política de integração da Amazônia, buscando ampliar suas áreas de colonização a fim de preservar a sua soberania (MANSO, 2004, p.9). Em presença dessa política de integração da Amazônia ao país, no dia 13 de setembro de 1943 através do Decreto- Lei nº 5.812, é criado o território federal do Rio Branco, desmembrando terras pertencentes ao Estado do Amazonas. (BARROS, 1995, p.56).

De acordo com Manso (2004, p.9) “neste mesmo decreto, o então Território foi dividido em dois municípios: Boa Vista e Catrimani (atual Caracaraí)”. Segundo Pereira, em seu relatório sobre Mucajaí (2005, p.2), o município de Boa Vista concentrava a maioria da população, cerca de 95% dos habitantes do território do Rio Branco moravam e os outros 5% situavam-se nas localidades de Caracaraí.

Segundo Manso (2004, p.11), no final de 1945, quando a colônia começou a se organizar as margens do Rio Mucajaí, “cerca de oito famílias foram trazidas” para o local, agora conhecida como Colônia Fernando Costa: Raimundo Germiniano de Almeida, Joaquim Estevão de Araújo, Chagas “Pinto”, Genésio Rufino, Lindolpho Braga Pires, Firmino (primeiro enfermeiro) e caboclo “Rancho”. Os colonos foram deixados às margens do rio Mucajaí, local a altura da primeira ponte, na entrada da vila Almirante Tamandaré, onde hoje é a fazenda do senhor Monteiro. Manso (2004, p. 11) cita ainda um relato de Evanilde Batista Catão, filha de Raimundo Germiniano de Almeida, primeiro morador, onde a mesma relata o momento da chegada:

Chegamos aqui apenas com nossas coisas (as bagagens), com comida, algumas ferramentas e remédios. A primeira noite, dormimos embaixo de umas árvores, praticamente ao relento. Somente no outro dia e que os homens foram conhecer melhor o lugar e escolher o local para fazer as casas moradas. Construíram oito cabanas, parecidas com as

malocas dos índios. A do papai (Sr. Raimundo) ficou bem no centro e as outras todas ao redor.

Havia certa reciprocidade entre os primeiros moradores, a fim de que as lavouras começassem a produzir ao mesmo tempo. Plantaram milho, arroz banana e mandioca. O uso das queimadas era o meio empregado para a preparação da terra.

Devido a grandes dificuldades, inclusive de saúde, já que não havia um maior apoio por parte do governo, algumas pessoas migraram para Boa Vista.

Com a finalidade de garantir a permanência daqueles colonos na localidade e de fazê-los produzir os alimentos que a capital Boa Vista necessitava, no dia 17 de março de 1945, os agricultores foram indicados a assinarem o Termo de Acordo celebrado entre o Governo do Território Federal do Rio Branco, representado pela Divisão de Produção, tendo como diretor geral o Senhor Valério Caldas Magalhães e o diretor em comissão daquela divisão, o senhor Joaquim Cardoso Corrêa de Miranda.

A quarta cláusula diz que, para manter as famílias na localidade, o governo fornecia gêneros essenciais à sobrevivência durante um período de 150 dias. Na sexta cláusula, o governo se comprometia também em prestar assistência médica e fornecimento de medicações às famílias. Vejamos:

O Governo do Território Federal do Rio Branco se compromete, na medida do possível, prestar assistência médica gratuita e a fornecer medicação preventiva contra as doenças regionais. Não se comprometendo, entretanto, a indenização de qualquer espécie no que se refira a acidentes do trabalho (Manso 2004, p. 11).

Nesse termo de acordo, observamos certa pressão do governo para que as famílias ficassem na localidade e cultivassem os produtos necessários à alimentação do território, podendo ser notado na cláusula oitava em que o assinante agricultor comprometia-se a “trabalhar para o cultivo da área de terras (...) compreendendo como tal todas as operações culturais desde o preparo do terreno até a colheita e preparo do produto para embarque”.

Os agricultores deviam ainda dedicar-se totalmente a esse trabalho não podendo, de forma alguma, “trabalhar em indústrias extrativistas, exceto lenha e carvão ou outras em que a administração do núcleo autorizar”. A cláusula nona obrigava o agricultor a residir com sua família no lote que lhe for concedido.

A décima cláusula obrigava os moradores a se estabelecerem na localidade, o que implica um autoritarismo e ânsia em ver o território habitado, mesmo que as “duras penas”. Vejamos o que diz essa cláusula: “O Senhor (...) se obriga a não se ausentar no núcleo, exceto nos casos de doenças constatadas pela Divisão de Saúde, sem prévia autorização da Divisão de Produção ficando incurso nas sanções policiais ao contrariar as disposições da presente cláusula”.

Conforme Manso (2004), uma vez por mês o governo mandava entregar alimentos, remédios e materiais por meio da secretaria de produção. Em março de 1946, quando o coronel Félix Valois de Araújo assumiu o governo, afirmou que não tinha dinheiro para investir na agricultura. Com a falta de apoio, muitos agricultores foram embora ficando apenas a família do senhor Raimundo Germiniano de Almeida. E em 1946, o governo traz mais famílias e entrega um auxílio financeiro para elas. Apesar do apoio para as pessoas que chegavam, a maioria continuava a se retirar, talvez devido a doenças e a dificuldade de transportes. Nos anos 1947 a 1948 foram trazidas novas pessoas, porém nenhuma dessas ficaram na localidade. Em 1950 só havia na colônia as famílias do senhor Raimundo Germiniano e as dos recém-chegados. Leonília, José Firmino Azevedo e as dos irmãos Pedro e Aniceto Vieira Barros.

Manso cita um relato do professor Valdeci dos Reis, 56 anos, primeiro professor formado em Mucajaí:

O apoio do Governo era pouco, ajudava com os remédios contra malária, muito freqüente nesse período. Nesse tempo aqui só se chegava de barco ou de avião. Os colonos vinham para cá de barco, que era o meio mais acessível na época, e deixados às margens direita do Rio Mucajaí, pouco acima de onde hoje esteja construída a ponte sobre o rio Mucajaí, (BR-174). As dificuldades eram muitas, a falta de comunicação e de transporte, foram sem dúvida os principais obstáculos. Não haviam estradas e todo contato com Boa Vista era por via Fluvial e chegava a durar de 5 a 6 dias, devido e tudo isso a maioria acabou indo embora ficando apenas a família do Sr. Raimundo Germiniano (2004, p.15).

No início dos anos cinquenta, Francisco Câncio da Rocha torna-se o primeiro administrador da colônia. Segundo Manso, “a terceira e efetiva colonização se deu com o assentamento de cerca de cinquenta famílias na região”. Na aventura dessa colonização, os homens eram a maioria, pois os que vinham trazidos pelo governo, nos projetos de assentamento, chegavam sozinhos, deixando a família em seus Estados de origem e só depois de se firmarem na região é que voltavam para buscá-las. Manso cita, mais uma vez, o relato do morador Valdeci dos Reis, 56 anos em que ele relata o surgimento dos habitantes de Mucajaí:

Meu pai, (Raimundo Reis), foi encarregado pelo próprio governador de trazer umas famílias para cá, no sentido de fortalecer a colônia. E nessa época, eu me lembro bem, nós estávamos numa pousada, já até em certa dificuldade, todos prontos, esperando o dinheiro pras despesas de viagem. O governo gastou dois contos de réis, muito dinheiro naquele tempo, pra trazer esse pessoal pra cá. E quem nos levou em mãos o dinheiro foi o próprio administrador da colônia, o Dr. Câncio da Rocha (2004, p.17).

Nessa época, a rua media 5 km a partir da margem do rio. Houve um novo loteamento onde os terrenos foram distribuídos nas laterais da estrada principal (Hoje BR – 174). Conforme Manso, “cada terreno media 200 m de frente por 1500 m de fundos, ou seja, 20 hectares (2004, p.18)”.

Com o tempo, em fins de 1952 e início de 53, cerca de 350 pessoas já residiam na colônia. A pequena vila ia crescendo, os imigrantes que chegavam, desbravavam outras áreas. Nesse período, a estrada principal BR – 174 ganhou uma ramificação para o lado direito, onde hoje, dá acesso para a colônia do Apiaú.

Em 1954, tendo a cidade recebido um aumento significativo de pessoas e passando a ter um traçado mais urbano foram construídos alguns prédios destinados à administração, posto de saúde, estação rádio telegráfica e uma escola (atual Escola Coelho Neto).

Sobre o início da evangelização na localidade, os habitantes da Colônia Fernando Costa recebiam visitas de Missionários Beneditinos, que eram

responsáveis pela prelazia do Rio Branco. É o que atesta o Serviço de Formação Popular da Diocese de Roraima (2005). Este relatório expõe, ainda, que os padres missionários da Consolata chegaram ao território Federal do Rio Branco em 1948 e as Irmãs chegaram ao Território em 1949 dando continuidade aos trabalhos iniciados anteriormente pelos beneditinos. Com o crescimento da população, foram alargando o campo de suas atividades apostólicas e missionárias.

Em 1972, ocorreu a primeira eleição para vereador. A Colônia Fernando Costa era subordinada a Caracaraí. Cerca de seis candidatos da Colônia disputaram as cinco vagas existentes, saindo vitoriosos José Guedes Catão e Joaquim Alves Ferreira (Quincó). Para cumprir seus mandatos, os novos vereadores precisavam de duas a três vezes por mês ao município de Caracaraí. As despesas eram custeadas pelos próprios vereadores. O único pagamento que recebiam era o status de terem sido escolhidos pela comunidade. (MANSO, 2004, p.23).

Em 1970, foi instalada uma unidade do Sexto Batalhão de Engenharia e Construção do Exército – 6º BEC, para construir a estrada BR – 174 a fim de ligar Boa Vista ao porto de Caracaraí. Em 1973, durante o governo de Clóvis Nova da Costa, o 6º BEC conclui o trecho de Boa Vista – Caracaraí, sem a construção da ponte iniciaram no ano de 1972. Ainda de acordo com as informações de Manso (2004), a empreitada iniciou em 1968, porém foi abandonada com problemas técnicos e só foi inaugurada em 1974, no governo do Tenente-Coronel Hélio da Costa Campos.

Manso, (2004) afirma que no ano de 1980 foi colonizada uma nova área: Colônia do Apiaú, sendo um dos grandes projetos de Colonização feitos pelo então governador Ottomar de Souza Pinto. A área na década de 90 teve um grande potencial agrícola.

No final de 1979, o então vereador Evaldo Simião Vieira é nomeado sub-prefeito da colônia de Mucajaí através da portaria nº 05/78, item 2, do artigo 48, do decreto – Lei nº 411 e consegue junto ao governo Ottomar Pinto, casas de apoio para a polícia militar, um posto médico, a atual sede da prefeitura municipal.

Com isso, foi-se criando divergências com a Administração de Caracaraí, na época o senhor Diomedes de Oliveira, culminando na emancipação da vila de Mucajaí, deixando de pertencer ao Município de Caracaraí (Manso, 2004, p.28).

No dia 1º de julho de 1982, a Lei Federal nº 7.009 foi decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente da República a qual criou o município de Mucajaí com uma área de 23.601 km².

Figura 2 : Mapa do Estado de Roraima



Fonte: http://www.siget.rr.gov.br/index.php/mapotecas/category/24mapasdo_estado . Acesso 22 de setembro de 2011

Art 1º - Ficam criados, no Território Federal de Roraima, independentemente de comprovação dos requisitos previstos na Lei nº 6.448, de 11 de outubro de 1977, os Municípios de Mucajaí, Alto Alegre, São João da Baliza, Bonfim, Normandia e São Luiz. (Lei 7009/82 | Lei nº 7.009, de 1º de julho de 1982).

De acordo com o censo 2010 – IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Mucajaí possui uma área territorial de 12.751,255 km² que corresponde a 5,68% do território de Roraima. As distâncias rodoviárias de Mucajaí às sedes municipais mais próximas são: Iracema 40 km, Caracaraí 86 km e Boa Vista 50,4 km. Este último com acesso pela BR-174 tem uma população de 14.792 habitantes, sendo 7.023 residindo na sede do município e 4.218 na área rural, o que demonstra que Mucajaí possui uma população predominante urbana.

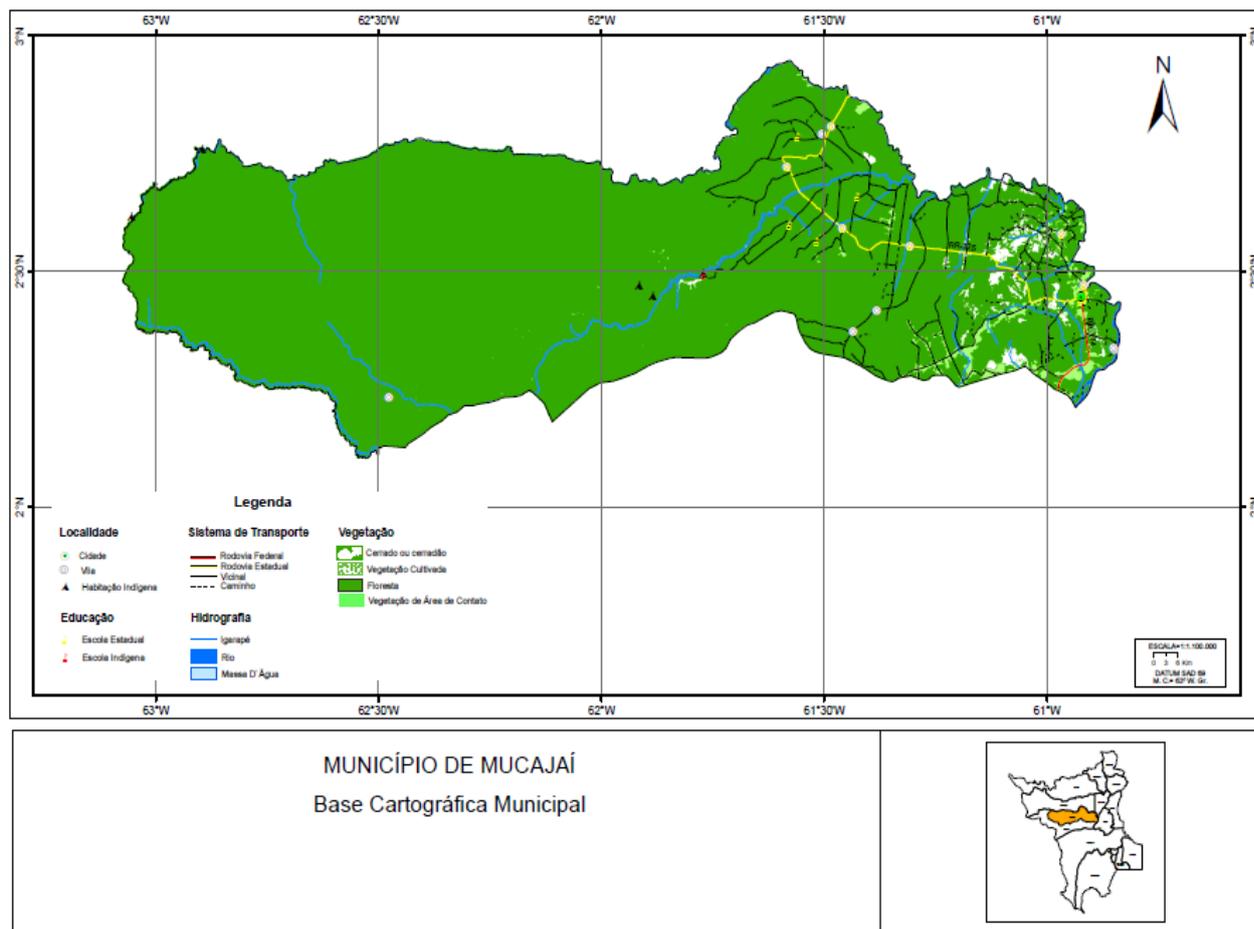
Os limites territoriais de Mucajaí estão divididos em: ao Norte, com os municípios de Alto Alegre e Boa Vista; ao Sul e Oeste com o município de Iracema; e a Leste com o município de Cantá.

A bacia hidrográfica de Mucajaí compõe de fornecedores da bacia do Rio Branco, destacando-se ao Norte: os rios Mucajaí e Apiaú, e este com várias cachoeiras, entre elas a do Cachimbo, Garimpo e da Missão. Ao Sul, correm os rios Apiaú e Catrimani com as cachoeiras: Alegação. Encanto e Poraquê. Ao Leste, o município é banhado pelo rio Branco (AMBTEC, 1994, p. 124).

As potencialidades do município estão ligadas, principalmente no setor terciário. A geração de emprego é realizada, sobretudo, pelo setor público, que abriga o maior contingente, vindo a seguir o setor comercial. Além disso, a produção primária como a pecuária e a cultura do arroz sequeiro, não sendo tão expressiva em relação ao montante da produção estadual, o que não acontece com o arroz irrigado. Outras culturas de importância são: soja e milho, haja vista as áreas de cerrados existentes.

O setor secundário abriga quase totalidade da produção industrial do Estado, tendo como principais ramos: madeireiro, metalúrgico, alimentos, oleiro-cerâmico e construção civil.

Figura 3 : Mapa do Município de Mucajaí



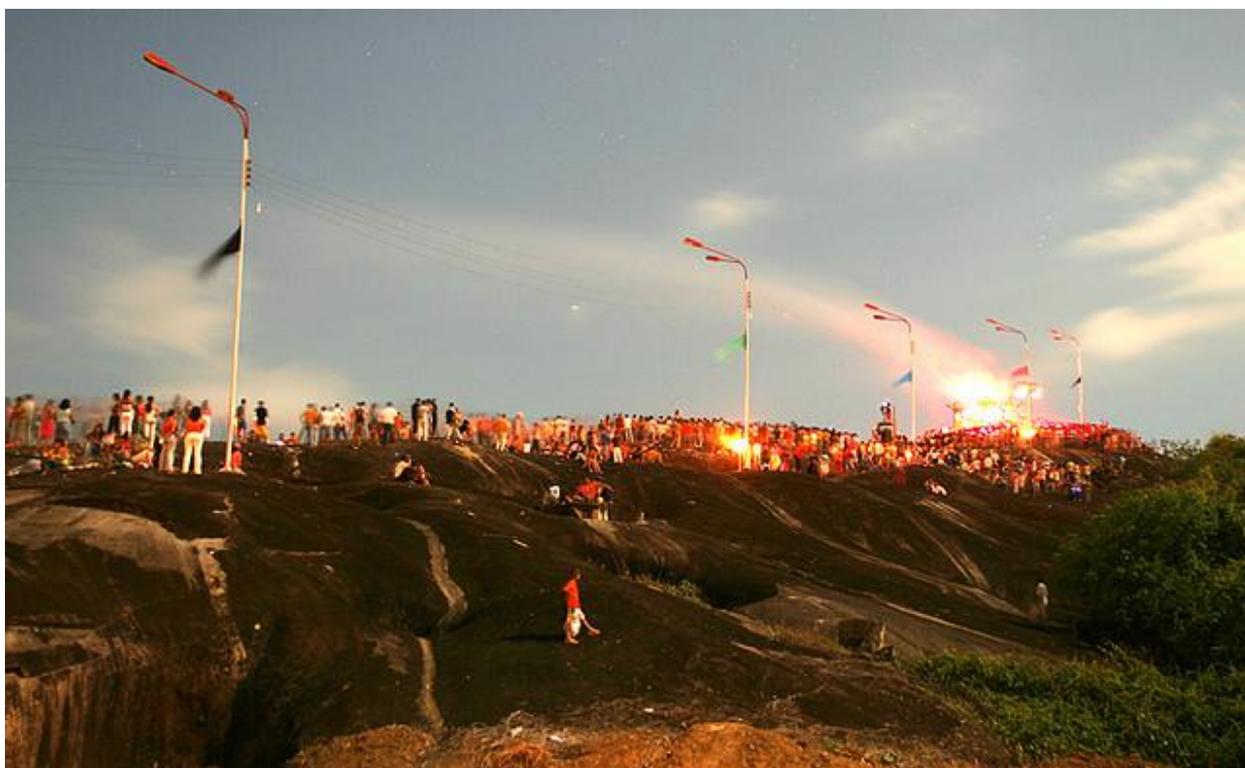
Fonte: <http://www.siget.rr.gov.br/index.php/mapotecas/category/17-mucajai>. Acesso 22 de setembro de 2011

3.2 ENCENAÇÃO DA PAIXÃO DE CRISTO EM MUCAJÁI-RR

De acordo com o histórico sobre a Encenação Paixão de Cristo, disponibilizado pela Prefeitura de Mucajaí, em março de 1982, o professor Venceslau Catossi (*in memoriam*) pensou em alguma coisa que pudesse proporcionar a comunidade de Mucajaí durante a Semana Santa. Nessa época, sendo considerada a cidade tranquila, sem muitos acontecimentos. Ele se reuniu juntamente com outros professores, Geraldo Pacheco, Raimunda Plácida e José Maria de Oliveira. Na reunião, decidiram que ampliariam a apresentação da referida Encenação, pois já acontecia na Igreja Católica sob a coordenação de um padre. Para tanto, definiram os papéis e tarefas para cada membro dessa nova

coordenação que acabara de surgir, sendo que a professora Raimunda ficou encarregada de organizar o figurino e interpretar o papel de Maria, mãe de Jesus; o professor Geraldo ficou responsável pelos adereços; o professor Catossi com a elaboração do texto da peça e o professor José Maria com o papel de Cristo, pois já possuía um detalhe importante: a barba. A primeira apresentação aconteceu em 1983, no campo de futebol do Módulo esportivo, onde foram construídos cenários feitos de compensados, sobre as gramas. Mas, desde aquela época até hoje se mantém a utilização da pedra do Pemba como calvário para crucificação do Cristo.

Figura 4: Pedra do Pemba “Pedra da Paixão



Fonte: Tiago Orihuela. <http://www.flickr.com/photos/roraima/2948016968/>. Acesso 22 de setembro de 2011

Durante a pesquisa em registros e com os moradores do município, foi observado duas versões sobre o início da encenação da Paixão de Cristo em Mucajaí. A primeira considera que a encenação originou-se de algo para movimentar Mucajaí na semana santa. A segunda afirma que o evento surgiu da via-sacra, realizada pela Igreja Católica, porém que é conhecedor da história do

evento informara que iniciou realmente por meio do professor Venceslau Catossi, sendo o idealizador de transformar a pequena dramatização da via-sacra em algo maior, buscando voluntários para representarem os papéis principais: como Jesus, Maria, Herodes, Pilatos.

A ideia era continuar com os moldes da via-sacra, porém com uma abordagem bem teatral e ainda levando uma cruz maior até à pedra. A partir deste pensamento, o grupo de professores conversou com o vigário da época, Pe. Luiz Paumbo. Este não aderiu, com a justificativa de que iria sair do contexto da fé, que era a semana santa. Mesmo assim foi realizada a via-sacra encenada e que, inclusive, o padre e muitos fiéis da Igreja participaram. De acordo com o histórico da Prefeitura, a primeira apresentação teatral da Paixão de Cristo aconteceu no ano de 1982, na Praça Magalhães.

A partir desse momento, deram continuidade ao espetáculo, sempre nos moldes das estações da via-sacra. Ao todo, foram quinze paradas lembrando os últimos passos de Cristo, a saber: Jesus é condenado; Jesus carrega a cruz; Jesus cai pela primeira vez; Jesus encontra a sua mãe; Jesus e o Cireneu; Encontro com Verônica; Jesus cai pela segunda vez; Jesus consola as mulheres; Jesus cai pela terceira vez; Jesus é despido de suas vestes; Jesus é pregado na cruz; Jesus morre na cruz; Jesus é descido da cruz; Jesus é sepultado; Jesus é ressuscitado.

A apresentação da Encenação inicia-se com a entrada de Jesus montado em um jumento, adentrando a cidade de Jerusalém com o povo e seus ramos de oliveira; segue para o cenário onde Ele expulsa os comerciantes da “casa de seu Pai”, impede que Maria Madalena seja apedrejada e pede aos seus discípulos que preparem a páscoa. Na cena seguinte acontece a última ceia de Jesus e menciona a traição de Judas, acontecendo também o lava-pés. Jesus convida seus discípulos a irem ao Monte das Oliveiras, Ele faz uma oração a Deus, quando chegam os soldados para o prenderem, onde Judas o trai com um beijo. O próximo cenário se encontra os Sumos Sacerdotes Anãs e Caifás e Judas entrega as moedas dizendo que se arrependeu do ato cometido (a traição) e eles o expulsam, arrependido enforca-se; nesse mesmo cenário Jesus é criticado sobre sua doutrina e milagres. Segue-se então para Pôncio Pilatos, que pergunta ao

povo por que querem a condenação de Jesus Cristo, o mesmo para se ver livre desse julgamento pede que o levem para Herodes. Ele pensava que era João Batista, sabendo depois que não era, Herodes e seus convidados começaram a zombar de Jesus e assim ele o manda de volta a Pilatos, lá Jesus recebe uma coroa de espinhos e entregam uma cruz para que carregue até o calvário (pedra), onde será crucificado e depois ressuscitado, dando fim na apresentação.

As Encenações da Paixão de Cristo, a cada ano foi tomando maiores proporções, principalmente depois que a Prefeitura, acreditando no potencial turístico do evento ficou responsável pela organização, tornando-se atrativo turístico, como os próprios gestores afirmam. Hoje a Encenação possui apelo mais cultural do que religioso, atendendo recomendações feitas pelo Ministério do Turismo, a fim de receber apoio financeiro para realização do evento.

Sendo assim, a partir de 2002 a encenação recebe status de espetáculo, sendo considerado o maior evento dessa categoria em Roraima recebendo turistas dos municípios vizinhos e também dos países fronteiriços como Venezuela e Guiana Inglesa.

Uma das principais mudanças foi à contratação de artistas conhecidos nacionalmente para interpretarem o papel principal o de “Jesus Cristo”, até então encenado por atores amadores da própria comunidade, atitude essa causou polêmica na comunidade, sendo que todos os atores atuam de forma voluntária, como acontece até hoje, mas o cachê pago ao artista é questionado.

Por outro lado, a Prefeitura atingiu o objetivo que era fomentar a atividade turística, atraindo um público bem maior em relação às edições anteriores. Vale ressaltar que foram investidos em propaganda, principalmente em Boa Vista, destacando especialmente a presença do ator global na encenação e o show do sábado de aleluia.

Até hoje, os atores envolvidos são, na maioria, da própria comunidade, os quais não possuem o teatro como profissão, pois são estudantes, professores, bombeiros, médicos...

Com essas alterações realizadas pela prefeitura, considera-se responsável pelo aumento do público para prestigiar o evento, pois desperta a

curiosidade e motiva principalmente pela questão do lazer e não apenas religiosa. Além disso, fomentou o comércio, não só o local, mas também de outras localidades, com maior frequência da capital Boa Vista, onde os comerciantes se deslocam até Mucajaí na Semana Santa, atuando desde o seguimento de alimentos e bebidas até o de confecção.

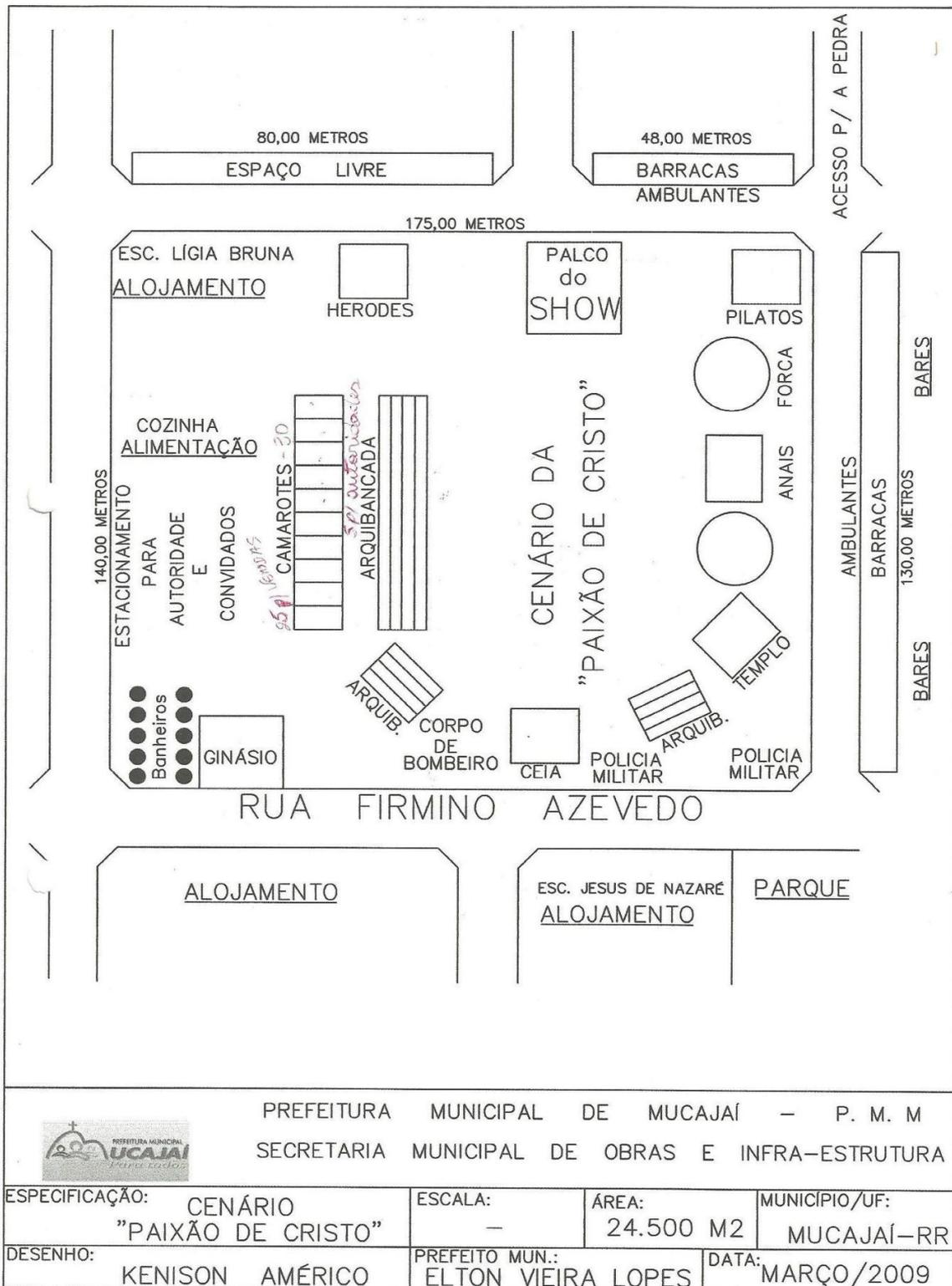
Próximos do cenário principal onde acontecem os espetáculos estão presentes comerciantes de diversos seguimentos, inclusive uma feira itinerante apoiada pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Roraima SEBRAE/RR, onde aproveitam o grande fluxo de pessoas como oportunidade de bons negócios e renda extra para os que não são comerciantes, mas aproveitam os dias de espetáculos montando um quiosque, muitas vezes em frente das próprias residências.

Nos anos de 2002 e 2003, a encenação contou com a presença do ator Luigi Baricelli, em 2004 quem representou Cristo foi o ator Luciano Szafir e o papel de Maria foi representado pela atriz Flávia Alessandra, em 2005 o papel de Jesus foi encenado por Dado Dolabella, em 2006 por Murilo Rosa, em 2007 quem representou foi o ator Rafael Calomeni, 2008 o ator Sidney Sampaio, 2009 Iran Malfitano, 2010 pela segunda vez o ator Luciano Szafir e esse ano, 2011 o ator Alexandre Barillari.

Esses últimos eventos descaracterizaram totalmente a ideia inicial de cunho religioso, principalmente devido aos shows que acontecem no Sábado de Aleluia, encerrando a grande festa em comemoração à Morte e Ressurreição de Cristo. As atrações que já participaram deste evento foram: Amado Batista, Capô de Fusca, Nayra Rego e Cia do Calypso, Rick e Renner, Gian e Giovane, Calypso, Nechiville e Reginaldo Rossi.

A infraestrutura está passando por modificações, pois antes eram cenários fixos feitos de concreto que representavam templos antigos, estes separados um dos outros com uma arena bem no centro para que o público pudesse se localizar para assistir à apresentação.

Figura 5 : Planta da Cidade Cenográfica



Fonte: Acervo Documental da Prefeitura de Mucajá-RR

Figura 6: Obra da Cidade Cenográfica



Fonte: Autora

Em 2011 chegou a ser anunciado que não haveria o evento, pelo motivo que a cidade cenográfica (que recebeu recursos do Ministério do Turismo) não estaria pronta a tempo, porém a prefeitura resolveu realizar a Semana Santa de forma improvisada, mas que não interromperia a tradição, pois seria a 29^o edição.

Figura 7: Estádio Municipal de Futebol - Cidade cenográfica improvisada



Fonte: Autora

Figura 8: Banner do evento ano 2011



Fonte: Autora

O evento aconteceu no período de 20 a 24 de abril de 2011 “uma programação de festejos junto com o festival cultural” como apresentou o Secretário de Cultura, Esporte e Turismo de Mucajaí. Por conta das obras da cidade cenográfica, o teatro e o show do sábado de aleluia aconteceram no Estádio Municipal de Futebol, segundo o secretário o evento foi visitado por cerca de 150 mil pessoas. No dia 20, na quarta feira aconteceu show gospel organizado por diversas igrejas evangélicas do próprio município, no dia 21, quinta feira foi realizado o ensaio geral com o ator Alexandre Barillari aberto ao público, na sexta feira santa, no dia 22 seria a encenação da Paixão de Cristo, porém não foi possível realizar o evento, pois choveu durante o dia inteiro e o espaço não era apropriado para tais eventualidades. Por recomendação do corpo de bombeiros o evento da encenação foi adiada para o sábado de aleluia, dia 23, que logo após o teatro aconteceu o show com o cantor Reginaldo Rossi e no domingo o encerramento foi apresentado o festival com crianças no parque de diversão e corrida de cavalos.

Durante o evento, ficou perceptível que os aspectos profanos predominam em relação à religião. Como por exemplo, a venda de churrasco em plena Sexta-feira Santa, onde se sabe que por tradição da Igreja Católica os cristãos não podem consumir carne.

Figura 9: Comercialização de alimentos



Fonte: Autora

Presença de muitas barracas com venda de bebidas alcoólicas, churrascaria. As músicas que eram tocadas, enquanto o público aguardava o espetáculo eram estilos sertanejos, forró e gospel, além do comércio de acessórios, recreação.

Aconteceu também a comercialização de artesanatos e lembrancinhas do evento, sendo uma das barracas mais visitadas. Os produtos são fabricados por um morador local, que participa do evento todos os anos.

Figura 10: Comercialização de artesanatos



Fonte: Autora

Apesar de o evento acontecer em 2011 de forma improvisada, percebeu-se o envolvimento dos atores locais, comprometimento e qualidade na apresentação do teatro.

Figura 11: Encenação da Santa Ceia



Fonte: <http://www.mucajai.rr.gov.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=50:paixao-de-cristo-historia&catid=42:historia&Itemid=81>. Acesso dia 12 de junho de 2011.

Figura 12: Encenação de Jesus sendo chibatado

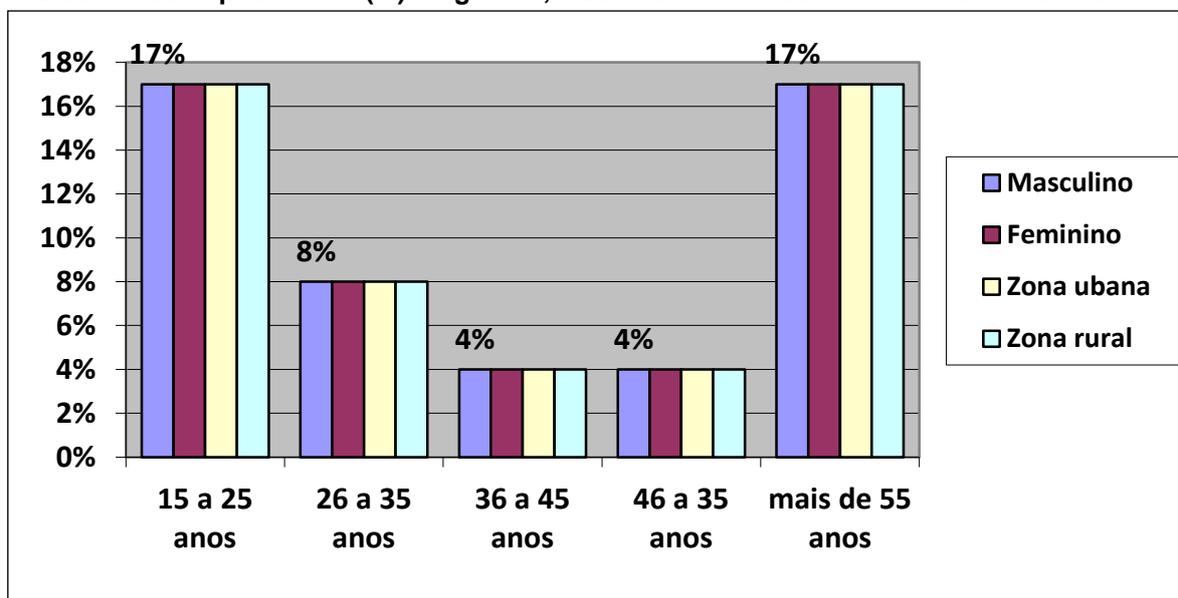


Fonte: <http://www.mucajai.rr.gov.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=50:paixao-de-cristo-historia&catid=42:historia&Itemid=81>. Acesso dia 12 de junho de 2011.

3.3 PERCEPÇÃO DOS MORADORES

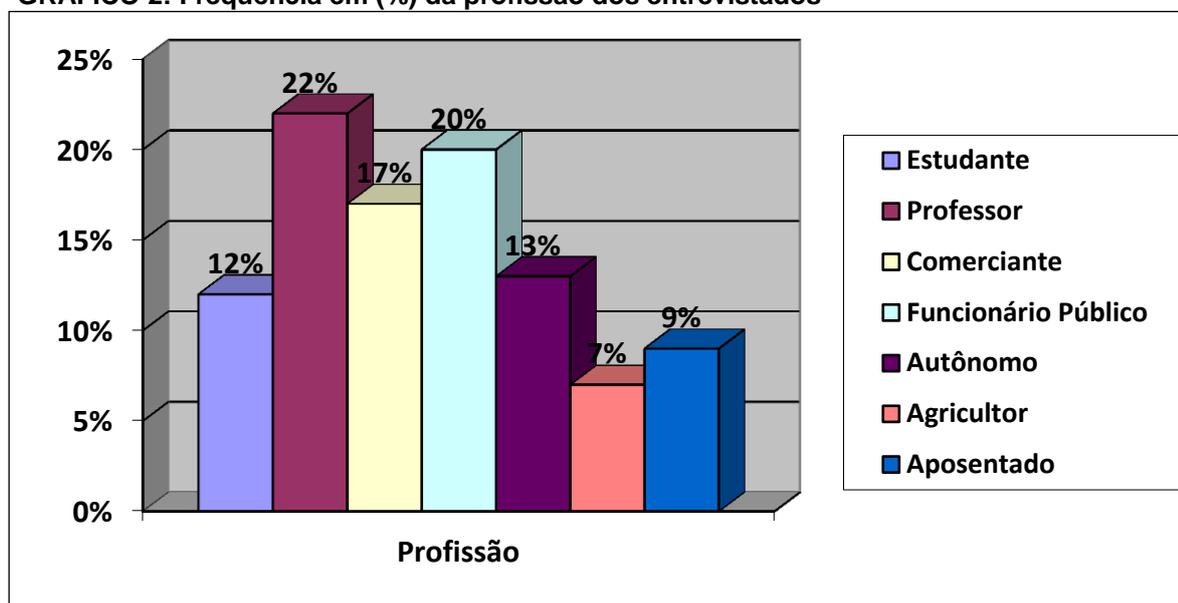
Durante o evento foi realizado pesquisa juntamente com os moradores que estavam ligados diretamente ao evento a fim de entender a percepção que os mesmo tem em relação ao evento. Como resultados e discussões desta pesquisa, apresenta-se primeiramente o perfil socioeconômico dos entrevistados e posteriormente a visão que os mesmos possuem em relação à Encenação da Paixão de Cristo do município de Mucajaí.

GRÁFICO 1: Frequência em (%) do gênero, faixa etária e localidade dos entrevistados.



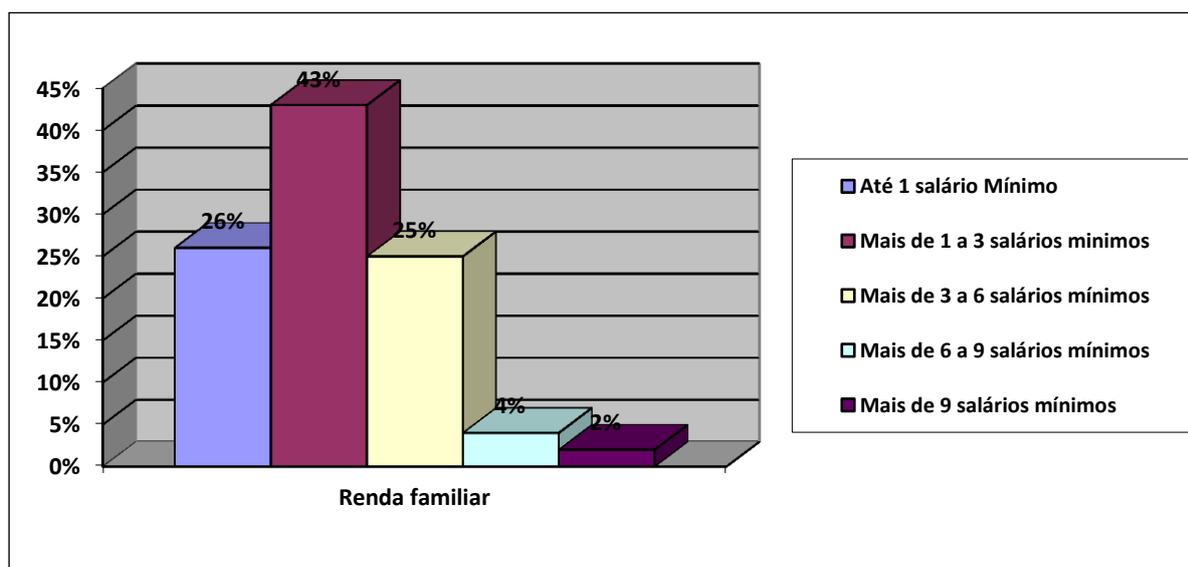
Fonte: Autora

O gráfico apresenta praticamente a amostra onde se buscou as seleções em parte iguais de gêneros e localidade zonas urbana e rural, além disso, que a representação de jovens adultos e melhor idade fossem iguais.

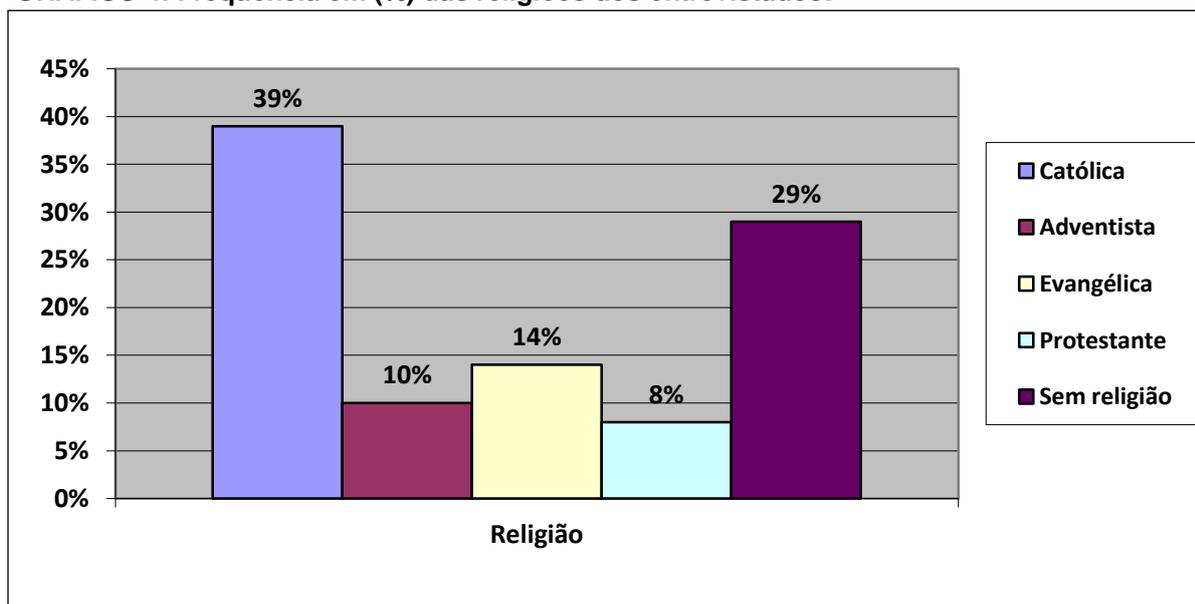
GRÁFICO 2: Frequência em (%) da profissão dos entrevistados

Fonte: Autora.

A maior representação dos entrevistados na pesquisa em relação à profissão com 22% são os professores, porém sem muita diferença com 20% os funcionários públicos, seguidos de 17% de comerciantes, 13% de autônomos, 12% estudantes, aposentados com 9%, agricultores com 7%.

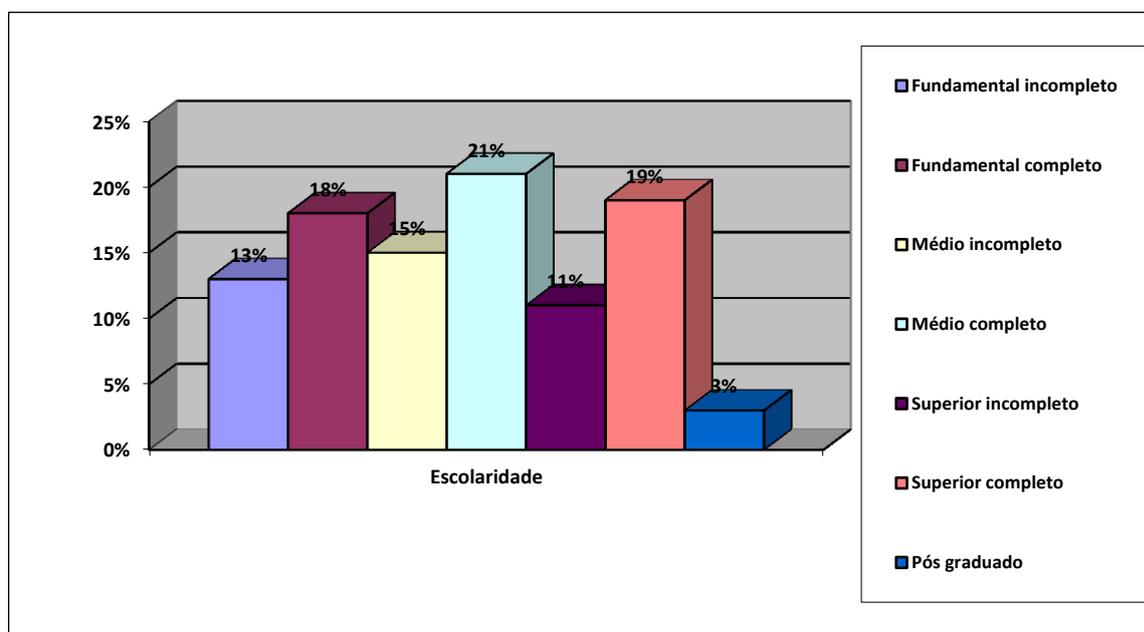
GRÁFICO 3: Frequência em (%) da renda familiar em salários mínimos dos entrevistados

Fonte: Autora

GRÁFICO 4: Frequência em (%) das religiões dos entrevistados.

Fonte: Autora

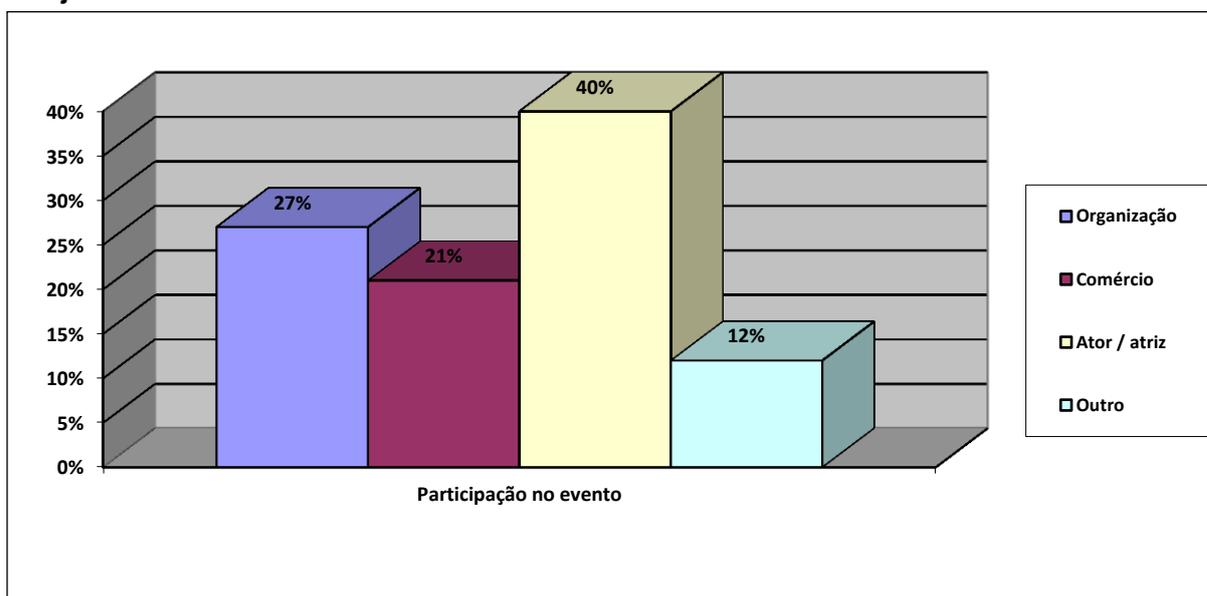
As entrevistas demonstraram que a maioria se diz católica com 39%, seguidos de 29% que afirmaram não possuírem religião, com representação entre os entrevistados estão com 14% os evangélicos, adventistas com 10%, e os protestantes sendo 8% dos pesquisados.

GRÁFICO 5: Frequência em (%) da escolaridade dos entrevistados.

Fonte: Autora

Em relação ao nível de escolaridade dos entrevistados. A maior parte dos entrevistados possui ensino médio completo, com 21%, seguidos do fundamental completo com 18%, ensino médio incompleto foi mencionado por 13%, ensino superior completo 19%, fundamental completo 18%, médio incompleto 15%, superior incompleto 11% e a minoria são os pós-graduados com apenas 3% dos pesquisados.

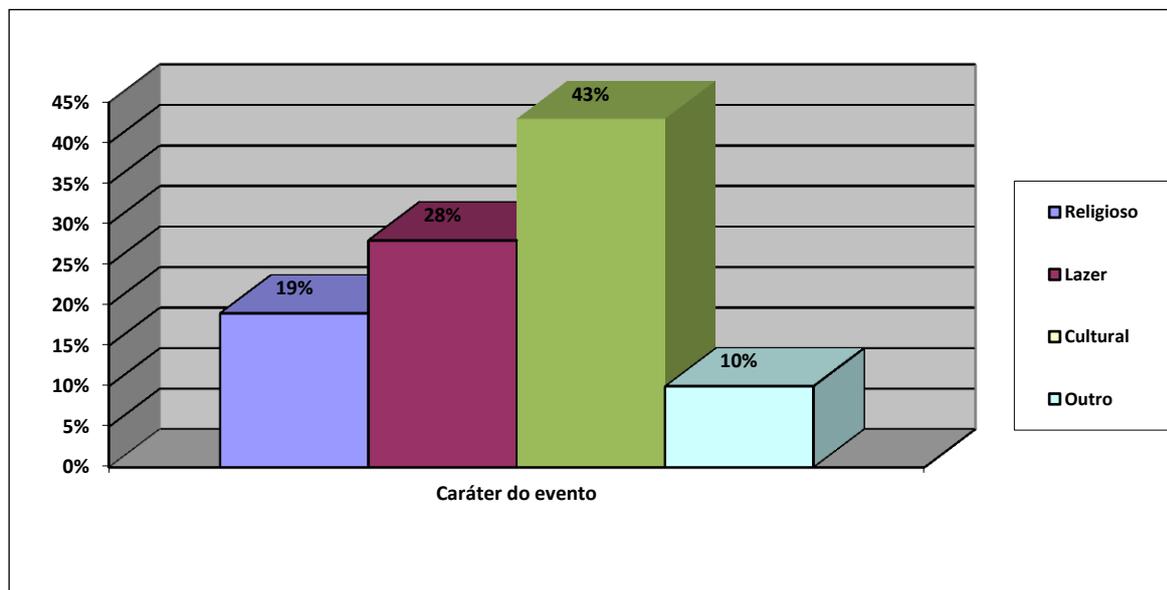
GRÁFICO 6: Frequência em (%) da forma de participação na Encenação dos moradores de Mucajá-RR



Fonte: Autora

Em relação à participação dos entrevistados na Encenação Paixão de Cristo, a maioria, cerca de 40% trabalha como ator ou atriz, 27% na organização do evento, 21% no comércio e 12% de outras formas como artesãs, costureiros, carpinteiros.

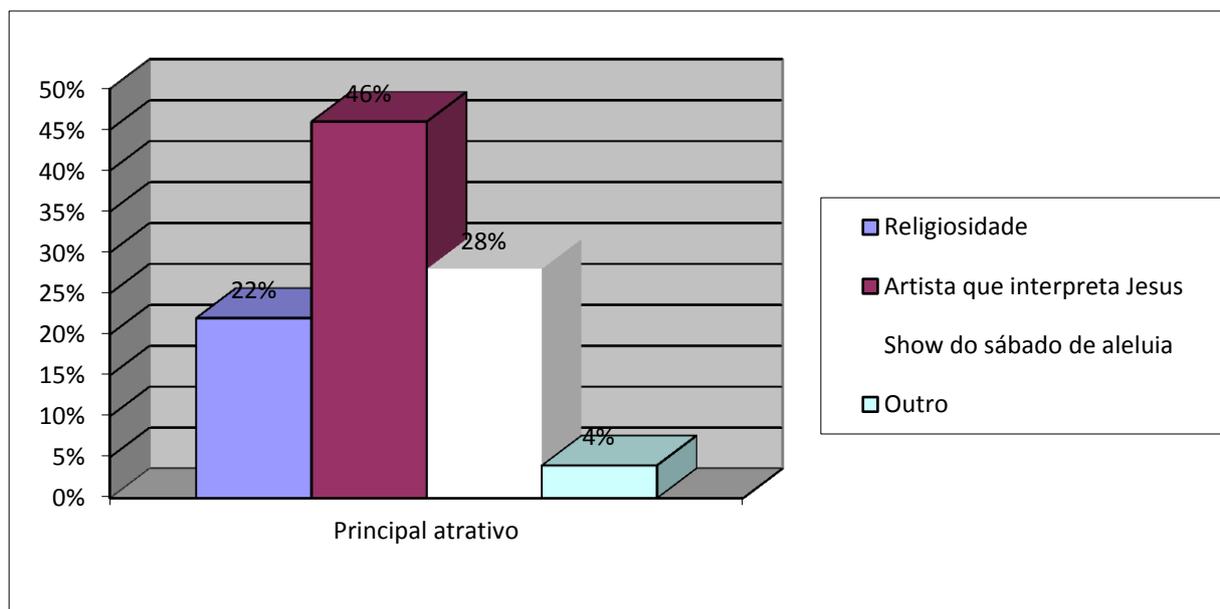
GRÁFICO 7: Frequência em (%) da opinião dos entrevistados em relação a caracterização da Encenação Paixão de Cristo em Mucajaí-RR



Fonte: Autora

O gráfico acima deixa claro que os entrevistados, 43% consideram o evento Encenação Paixão de Cristo como cultural, graças às mudanças feitas nos últimos anos, como a participação dos atores e bandas reconhecidas nacionalmente, 28% dos entrevistados avaliam como de lazer, pois maior parte do público busca divertimento, descontração, sendo um momento para sair da rotina, 19% dos entrevistados consideram o evento ainda como religioso, pois o texto da peça é bíblico, conta a história de parte da vida de Jesus, sendo importante para muita gente e 10% afirmaram por outros, pois não conseguiram identificar sendo considerado por eles uma mistura principalmente de cultura e religião.

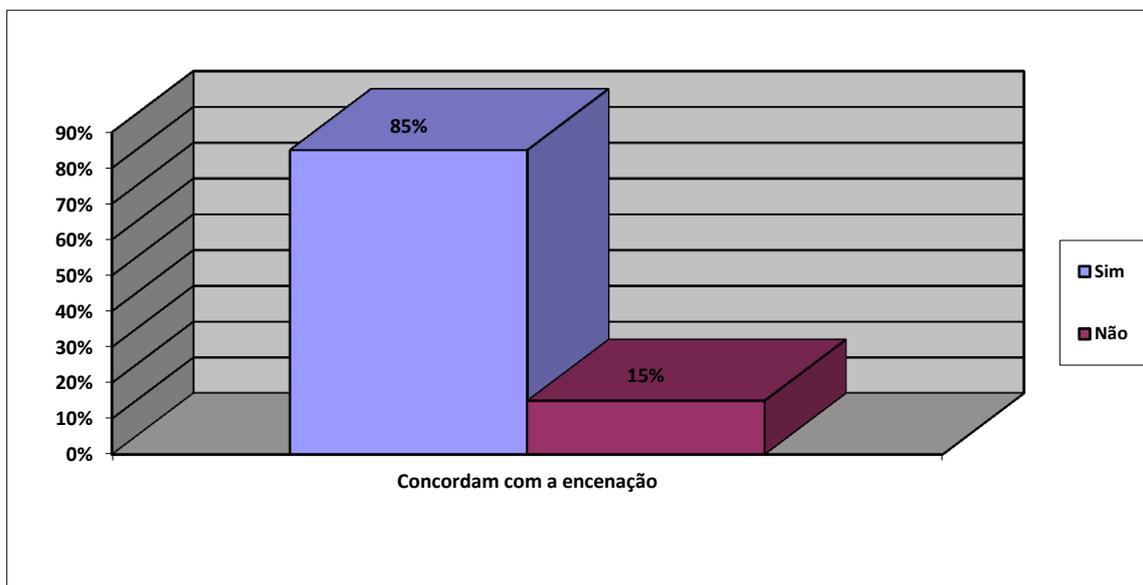
GRÁFICO 8: Frequência em (%) da opinião dos entrevistados em relação o atrativo principal do evento



Fonte: Autora

O gráfico demonstra que a maioria concorda que o grande atrativo do evento seja o artista que interpreta Jesus e em segundo lugar o show do sábado de aleluia, com a Encenação da Paixão de Cristo, pois segundo eles a vinda de atores e bandas de renome nacional, atrai um maior número de turistas para a cidade, sendo que a maioria das pessoas vai ao evento com intenção de prestigiar os artistas, antes vistos somente pela televisão.

GRÁFICO 9: Frequência em (%) da opinião dos moradores em relação a concordar com a Encenação Paixão de Cristo

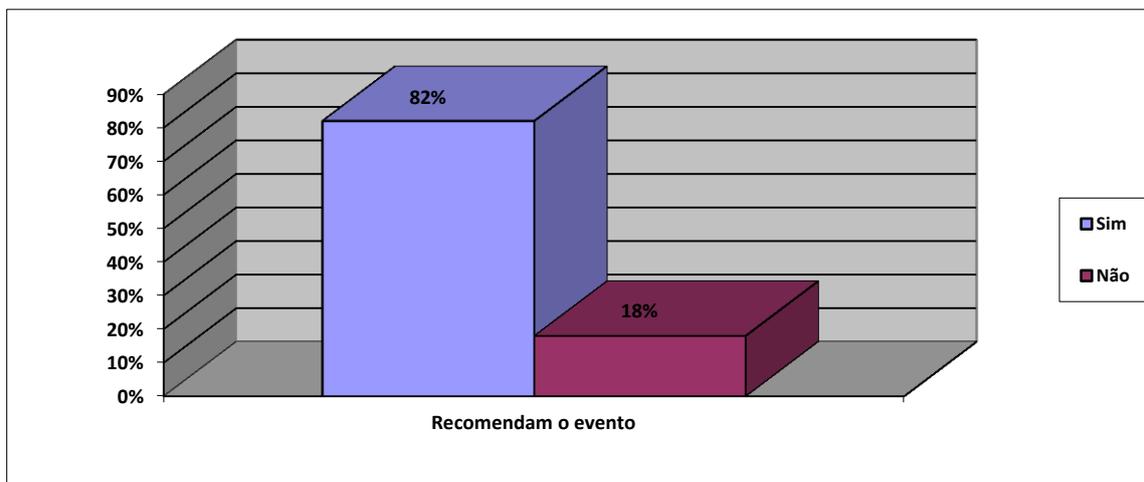


Fonte: Autora

Percebeu-se que a maior parte dos entrevistados apresenta-se orgulhosa por residirem no município que realiza (segundo a mídia local) “o maior evento teatral ao ar livre, do norte”. É um momento do ano que a cidade fica mais movimentada, gerando renda para o município e aumentando as receitas, principalmente para os comerciantes, sejam os formais como também para aqueles que aproveitam para lucrar de alguma forma.

Por outro lado, os que não concordam questionam a nova formatação do evento, onde consideram a ausência da religiosidade, também afirmam que gastam mais do que arrecada, os artistas de fora recebem muito e o local não é valorizado. Além disso, sendo que a maioria vem para assistir o ator e não a peça, causando tumultos durante as cenas.

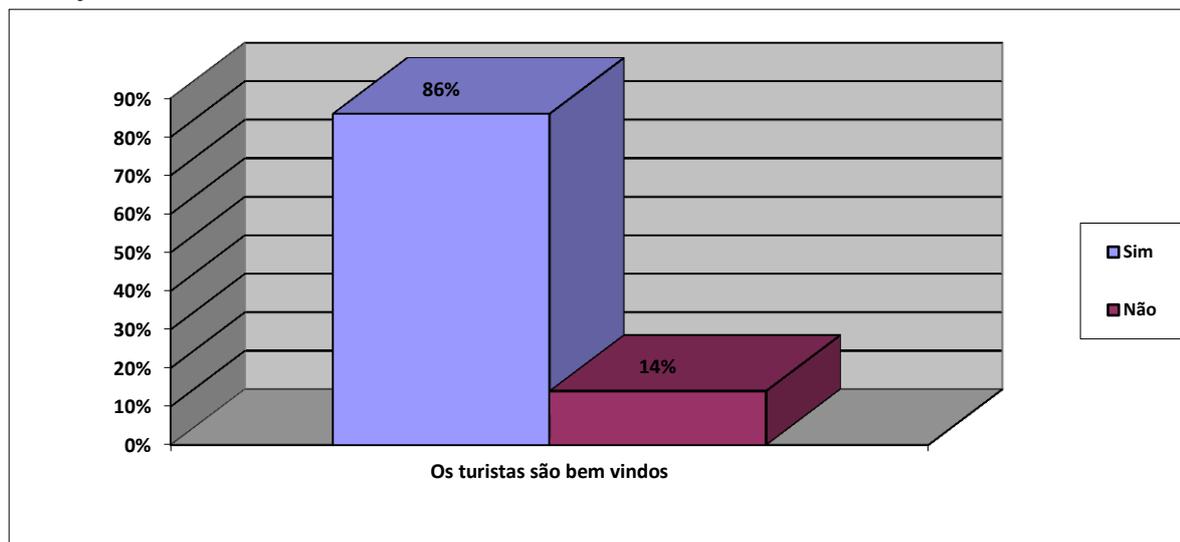
GRÁFICO 10: Frequência em (%) da opinião dos moradores em relação se recomendaria o evento.



Fonte: Autora

Percebeu-se que a recomendação para outras pessoas prestigiarem o evento, acontecia não pelo aspecto religioso, mas principalmente cultural, sendo uma atração que vale a pena conferir, além disso, podem aproveitar o momento para conhecerem os atrativos naturais que o município possui. Essa é a opinião de 82% dos entrevistados. Entretanto, 18% não recomendaria o evento, pois a cidade precisaria possuir melhor infraestrutura para receber bem, como restaurantes, hotéis além da própria encenação, considerada profana, muito diferente do que era antes.

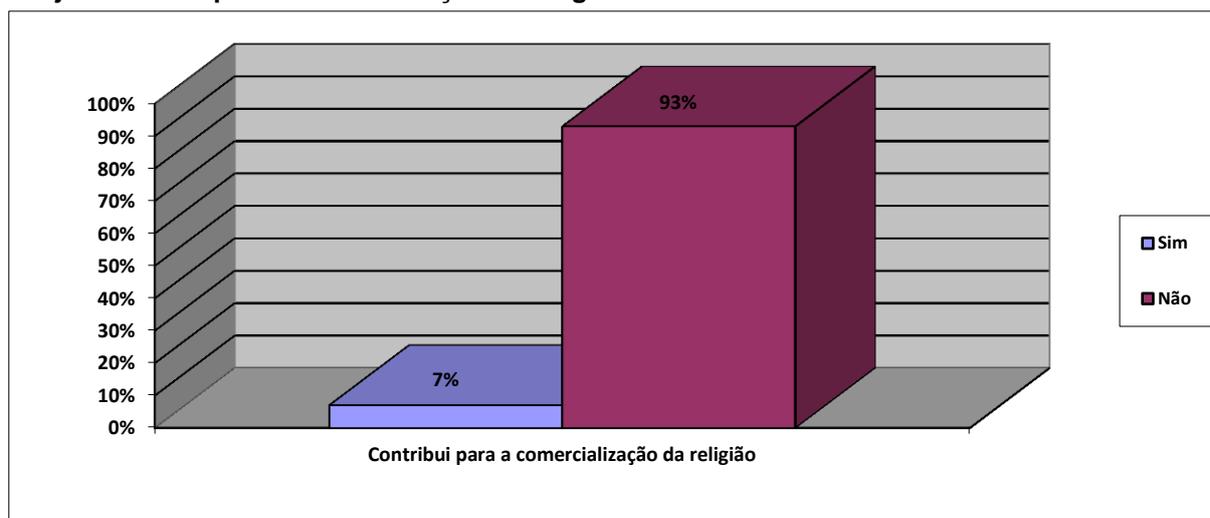
GRÁFICO 11: Frequência em (%) da opinião dos moradores se os turistas são bem vindos em Mucajaí-RR



Fonte: Autora

Os turistas são bem vindos ao município de Mucajaí é a opinião de 86% dos entrevistados, pois a população é hospitaleira e trata muito bem os visitantes, procurando atender da melhor forma possível, além disso, se preparam para recebê-los. Já 14% dos entrevistados discordam, afirmando que os turistas não são bem vindos ao município, pois muitos vêm para fazer algazarras, deixam a cidade suja, desrespeitando a população local.

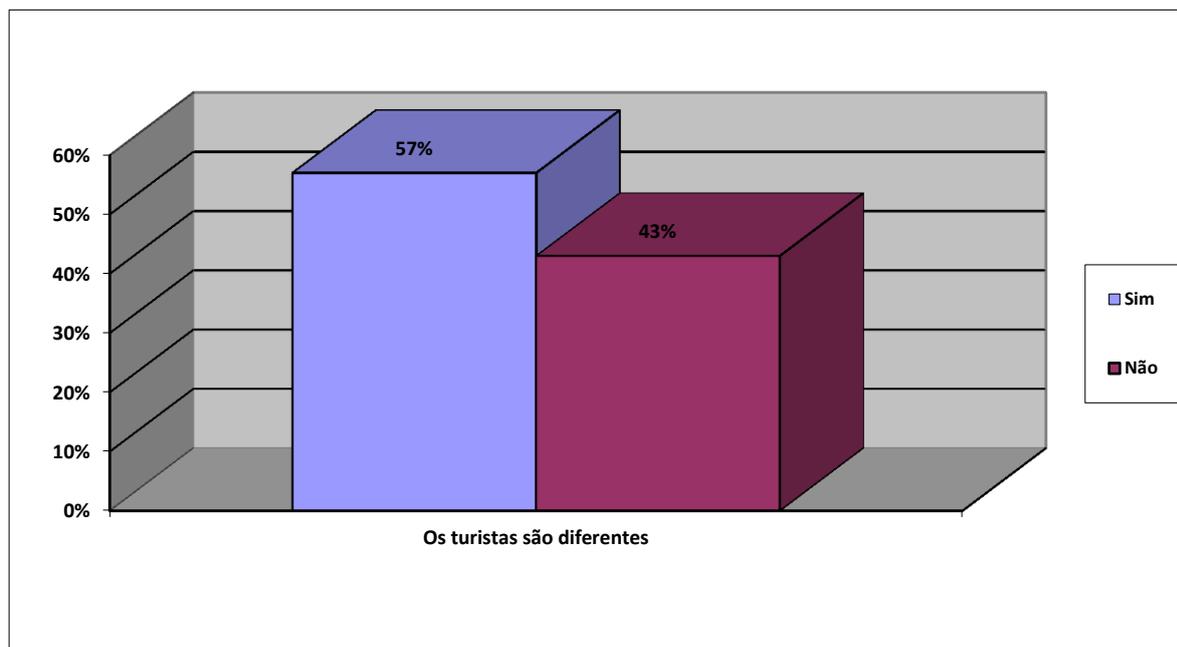
GRÁFICO 12: Frequência em (%) da opinião dos entrevistados se a Paixão de Cristo em Mucajaí contribui para comercialização da religião.



Fonte: Autora

A maioria dos entrevistados não considera que exista a comercialização da religião, visto que os aspectos religiosos são poucos considerados, pois acreditam que o evento possui de caráter cultural.

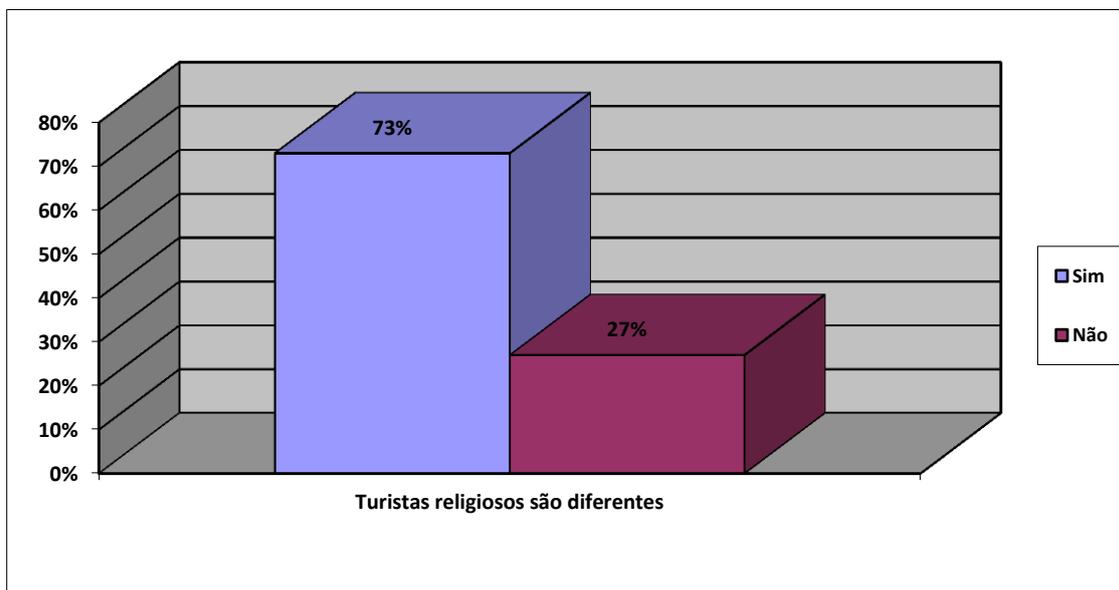
GRÁFICO 13: Frequência em (%) da opinião dos entrevistados se os turistas são diferentes das pessoas locais.



Fonte: Autora

Considerado por 57% dos entrevistados que os turistas são diferentes das pessoas locais, principalmente pelo modo de se vestir e comportamento, tanto de maior consumo, como de ficar fotografando todo momento. Sem muita diferença, 43% acreditam que não existe distinção entre os turistas em relação à população residente de Mucajaí, onde consideram que todos são iguais, apenas moram em cidades distintas.

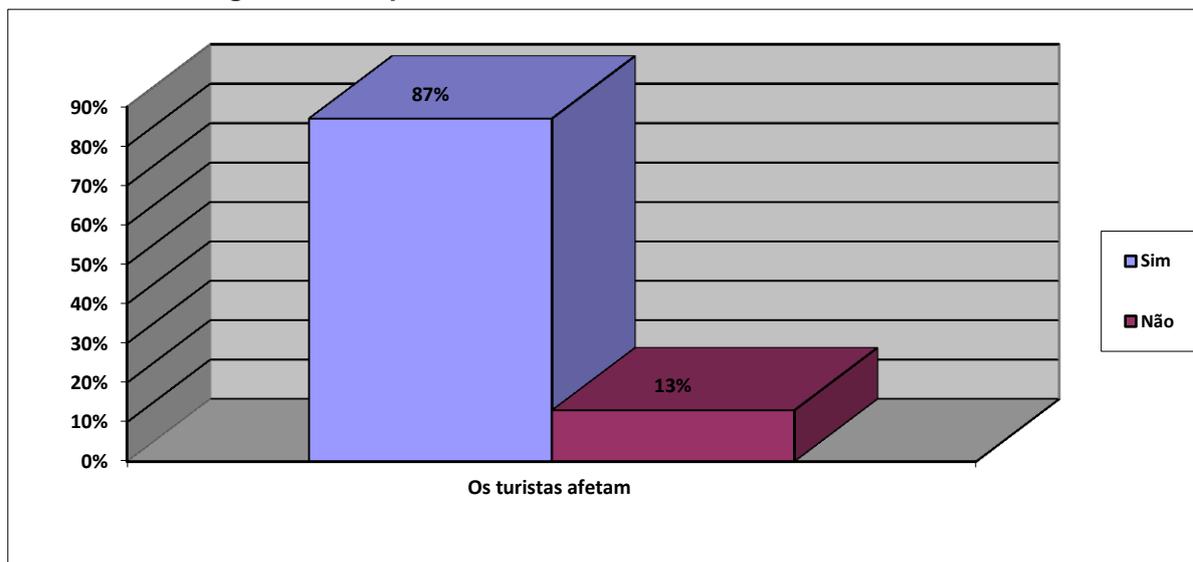
GRÁFICO 14: Frequência em (%) da opinião dos entrevistados se os turistas religiosos são diferentes dos turistas comuns.



Fonte: Autora

Os turistas religiosos são considerados diferentes dos turistas comuns (turistas que a motivação não é a religiosidade) por 73% dos entrevistados, principalmente pelo comportamento. Eles assistem à encenação do início ao fim, alguns chegam a se emocionar, não fazem uso de bebidas alcólicas e nem ficam no município para o show do sábado de aleluia. São pessoas que, independente de quem esteja interpretando o papel de Jesus, prestigiariam o evento da mesma forma. Já 27% informaram que não existe diferença, pois não há possibilidade de perceber se participam do evento por religião ou por lazer.

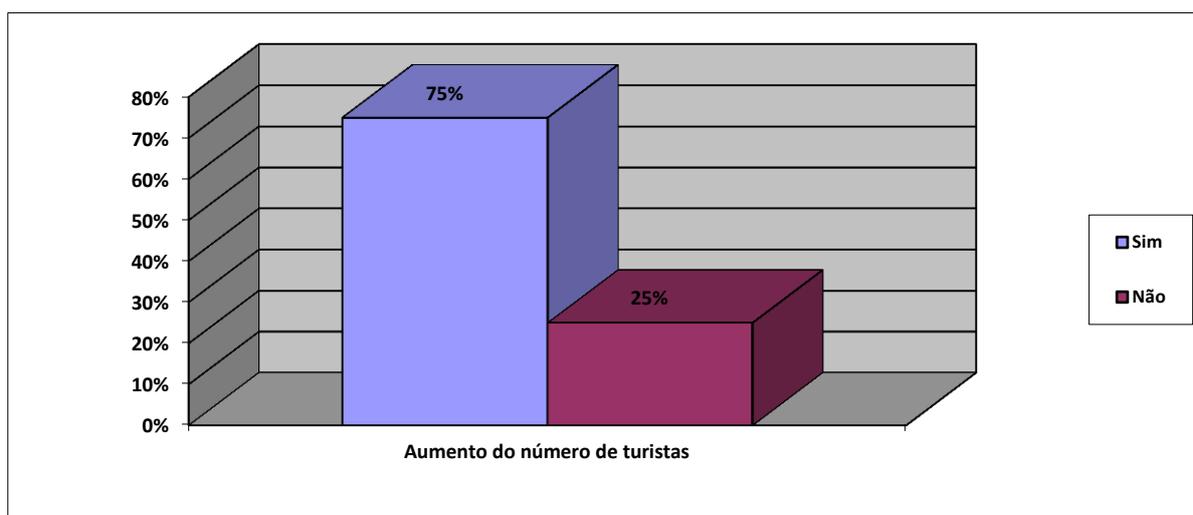
GRÁFICO 15: Frequência em (%) da opinião dos entrevistados se os turistas os afetam diretamente de alguma forma positiva



Fonte: Autora

Consideram-se afetados pelos turistas de forma positiva 87% dos entrevistados, seja no aumento das vendas, outros se sentem valorizados e motivados a continuarem trabalhando na encenação, pois são vistos por muitas pessoas e são orgulhosos por isso. Mas, 13% afirmaram que a presença dos turistas não faz diferença nenhuma.

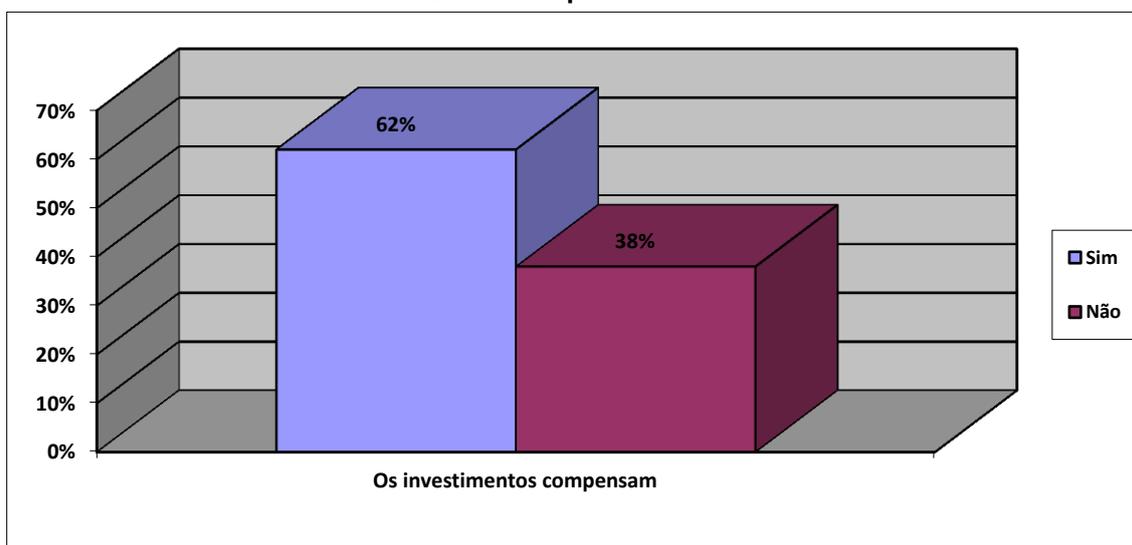
GRÁFICO 16: Frequência em (%) da opinião dos entrevistados se o número de turistas teve aumento.



Fonte: Autora

A maioria dos entrevistados, 75% afirmaram que as mudanças realizadas na encenação pela prefeitura, principalmente com a vinda dos artistas, investimento em propaganda foi o principal motivo do aumento do número de turistas a prestigiarem o evento. Porém, 25% dos entrevistados asseguram que o número de turistas vem diminuindo a cada ano, pois o evento está descaracterizado totalmente da proposta inicial, com foco na religiosidade e também o município não possui estrutura adequada para receber bem os visitantes como hospedagem e restaurantes suficientes, causando insatisfação ao público.

GRÁFICO 17: Frequência em (%) da opinião dos entrevistados se os investimentos e faturamento no evento Paixão de Cristo compensam.



Fonte: Autora

Em se tratando de investimentos e faturamento do evento, 62% dos entrevistados afirmaram que os gastos com a semana santa compensam, pois é um momento que muitos aproveitam para ganhar um dinheiro extra, mesmo quem não é comerciante durante o ano, improvisando uma venda em frente à residência, alugando quartos da casa, considerada uma “época que o dinheiro circula no município”. Dessa forma, os gastos feitos principalmente com os artistas são indiretamente distribuídos à população. Por outro lado, 38% afirmaram que “se colocar na ponta do lápis não compensa mesmo”, os gastos com os artistas, atores, bandas, infraestrutura do teatro, propaganda, e serviços

específicos que são terceirizados, são altos, além disso muitos comerciantes são de Boa Vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão intitulado, Encenação Paixão de Cristo como atrativo turístico: análise da percepção dos moradores de Mucajaí-RR objetivou principalmente analisar a percepção dos moradores de Mucajaí-RR em relação à Encenação “Paixão de Cristo”. O referencial teórico sobre: turismo como atividade, planejamento, segmentação, religião conhecimento e religiosidade popular, origem, formação religiosa no Brasil, festas e celebrações religiosas, turismo religioso, conceitos e motivações, foi de grande valia para a construção do estudo e resultado da pesquisa.

A metodologia desse trabalho, sendo um estudo de caso houve uma preocupação em selecionar a amostra, dividindo por idade, sexo e zona urbana e zona rural, mas todos tinham de alguma forma participação no evento. Acredita-se que também surgiriam resultados bem interessantes se amostra independentemente do entrevistado está ligado de alguma forma ao evento, sugestão para trabalhos futuros.

Por meio deste estudo, foi possível identificar as características dos moradores do município de Mucajaí-RR e obter informações sobre a percepção dos mesmos sobre o evento estudado, no que diz respeito ao caráter do evento, o principal atrativo, se concordam, impactos gerados, relação religião e comércio, se recomendariam e como os turistas são percebidos.

A Encenação Paixão de Cristo considerado um dos principais eventos do Estado de Roraima, acontece no município de Mucajaí, surgiu com aspecto exclusivamente religioso, se iniciou a Encenação Paixão de Cristo a partir da dramatização da via-sacra realizada pela igreja católica, onde as primeiras edições refletiam mais a religiosidade, sendo que o público se emocionava a cada cena, principalmente no momento da flagelação e crucificação.

A partir do ano de 2002, a Encenação Paixão de Cristo passa por mudanças, tomando maiores proporções e com isso aspectos diferentes, como a pesquisa confirmou caracteriza-se principalmente como cultural, antes era organizado pelo um grupo de professores, hoje pela prefeitura, que enxergou

como possibilidade de tornar o evento como um importante atrativo turístico, investiu principalmente em atrações de renome nacional, tanto para interpretar Jesus, como para fazer o show do sábado de aleluia, com a intenção de atrair maior público, desde então são questionados a questão da existência da religiosidade na peça, pois durante as apresentações já aconteceram gritos de fãs do ator em todas as cenas, além disso, a presença do comércio de bebidas alcóolicas e demais produtos, dando um sentido de festa ao evento.

Interessante relacionar com o que diz Durkheim (1989) as festas teria surgido a partir da necessidade de separar o tempo em dias sagrados e profanos. A semana santa, para a igreja, é um ato sagrado, pois se faz memória aos últimos momentos sofridos de Cristo, e a mesma estabelece respeito, abstinência de carne vermelha e bebidas alcóolicas, além da prática do jejum. Dessa forma, pode-se afirmar que a Encenação da Paixão de Cristo do município de Mucajaí foi modificada por ações profanas. Percebe-se que essa interferência no comportamento das fãs, nas barracas de jogos, venda de bebidas e comidas, inclusive churrasco. Mesmo assim, a Encenação ainda possui sim aspectos religiosos, a peça se mantém com o texto como era nas primeiras edições com base no Evangelho de São Lucas.

Nesta pesquisa, buscou-se apresentar por meio de entrevistas feitas aos moradores de Mucajaí-RR, tanto da zona urbana com também rural, e que de alguma forma participam da Encenação Paixão de Cristo, a percepção que os mesmos possuem em relação ao evento em questão.

Neste sentido, observou-se que a maior parte dos pesquisados foram professores e comerciantes, com renda familiar mais de 1 a 3 salários mínimos, católicos, com o ensino médio completo. No que se refere à forma de participação no evento a maior parte deles informaram participarem como ator, atriz e na organização, enxergam o evento, sendo de caráter principalmente cultural, frente às mudanças que ocorreram ao longo das edições, bem como de lazer, pois muitos são motivados a prestigiarem o evento com fins de descontração e divertimento.

A pesquisa também mostrou que considera como o principal atrativo do evento. O artista que interpreta Jesus, seguido do show do sábado de aleluia,

pois acreditam ser uma oportunidade de ver pessoalmente artistas de renome nacional que até então, vistos pela maioria somente pela televisão, como consequência disso, atrai muito o público. Além disso, a maioria confirma que são de acordo com o evento e recomendam, consideram que os turistas são bem vindos, não acreditam que esteja havendo comercialização da religião, que os investimentos e faturamentos no evento compensam.

Essa diminuição da religiosidade é percebida pela população local, como mostrou os resultados das entrevistas, porém mesmo assim são de acordo com as mudanças, sendo que atraiu maior público, independente da motivação sendo religiosa ou não, e com isso gera recursos que movimenta a economia local. Lembrando que existe uma minoria que se opõem as mudanças e que gostaria que fosse como no início, somente com os artistas locais, porém mesmo assim continuam frequentando a apresentação da Paixão de Cristo, muitas vezes disputando o melhor lugar para assistir com pessoas que mais estão preocupados em fotografar e conseguir chamar a atenção de alguma forma da “celebridade” em vez de acompanhar os passos de Jesus antes, durante e após da crucificação e refletir, nesse momento, considerado tão importante para reflexões referente a atitudes corretas que levam ao caminho da salvação.

Levando em consideração todos os resultados do estudo, pensando na sustentabilidade desse evento até mesmo como atrativo turístico, acredita-se ser importante ser feita algumas sugestões, como por exemplo, cuidado em selecionar as músicas que antecedem a apresentação da peça, de preferência de cunho religioso, podendo ser as mais tocadas, vetar a venda de bebidas alcóolicas e carne, principalmente na sexta-feira santa. A antecedência nos preparativos do evento é um ponto a ser aprimorado também, logo após a avaliação do pós-evento se faz importante começar pensar na próxima edição, seja na seleção dos atores, ensaios, planejamento da programação, estratégia de promoção.

É o mais importante acreditar que o turismo religioso, pode ser sim promissor, sustentável, inclusive economicamente e apostar que a tradicional Paixão de Cristo de Mucajaí é um atrativo que por si só tem um grande apelo, porém deve ser trabalhado de forma responsável, sendo que no estado que se

encontra necessita de atenção direcionada ao resgate em busca da essência que o próprio nome do evento remete a religiosidade como principal atrativo.

Além disso, não esquecer o planejamento turístico, onde a comunidade deve ser esclarecida, ouvida e se for o caso capacitada para contribuir com o desenvolvimento da atividade da melhor forma, recebendo bem, com pelo menos o mínimo de conforto, segurança tanto nos meios de hospedagem, no seguimento de alimentação, e vai além disso apoio da saúde, segurança, sinalização e ruas adequadas. Considerando que “a cidade para ser boa para o turista primeiro deve ser boa para a população local”. Para que o discurso possa continuar, porém de uma forma bem mais consciente, além do orgulho presente nos moradores que falam com satisfação “moro em Mucajaí, na cidade da Paixão de Cristo”.

REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, Edin Sued. Religião e turismo: notas sobre as deambulações religiosas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (org). **Turismo religioso: Ensaios antropológicos**. Campinas, SP: PAPIRUS, 2003, p.56 - 58. – (Coleção Turismo).

ALDAZÁBAL, José. **Dicionário Elementar de Liturgia**. Disponível em: <http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/dicionario/dici_ver.asp?cod_dici=361>. Acesso dia 23 de janeiro de 2012.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: Sentidos do festejar no país “que não é sério”**. 2001. Disponível em < <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html>> Acesso dia 09 de janeiro de 2011, p.8 - 9.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo – fundamentos e dimensões**. 8ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2004, p.77.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Número 14 – Setembro de 2009 Pág. 106 – 118. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/6A%20religiosidade%20brasileira.pdf>>. Acesso dia 09 de janeiro de 2011.

BARRETTO, Margarita. **O Imprescindível Aporte das Ciências Sociais Para o Planejamento e a Compreensão do Turismo**. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 20, outubro de 2003.

_____. **Planejamento responsável do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2005, p.85 – (Coleção Turismo).

BARROS, Nilson Cortez Crocia de. **Roraima, paisagens e tempo na Amazônia setentrional**. Recife: Universitária, 1995.

BRASIL. Lei 7.009, de 1º de julho de 1982. **Autorização a criação de municípios no Território Federal de Roraima**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128270/lei-7009-82>. Acesso dia 05 de setembro de 2012.

BRASIL. Ministério do turismo. **Destino referência em segmentos turísticos**. Goiânia, 2010. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Case_do_projeto_Metodologia.pdf>. Acesso dia 20 maio de 2012.

_____. Secretaria de Políticas de Turismo Programa de Qualificação a Distância para o Desenvolvimento do Turismo: Roteirização turística, promoção e apoio à comercialização / Ministério do Turismo, coordenação Tânia Brizolla, Ana Clévia Guerreiro Lima. – [Brasília]: o Ministério: Florianópolis: SEad / UFSC, 2008.

Centro de Geotecnologia, cartografia e planejamento territorial de Roraima.

Município de Mucajaí-RR. Acesso em:

<<http://www.siget.rr.gov.br/index.php/mapotecas/category/17-mucajai>>. Acesso dia 03 de maio de 2010.

Coccosis, H. (1996) Tourism and sustainability: perspectives and implications, in Priestley, G. K., Edwards, J. A. e Coccosis, H. (eds) **Sustainable Tourism? European Experiences**, C.A.B. International, Oxon, U.K.;

COUTO. Edilece Souza. **Devoções, Festas e Ritos: Algumas considerações**.

Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História, 2008, p.2. Acesso: <

<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/01%20Edilece%20Souza%20Couto.pdf>> Acesso dia 22 de novembro de 2010.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2000.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

DIAS, Reinaldo. O turismo religioso como segmento do mercado turístico. In:

DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José Sena da (org). **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas, SP: ALÍNEA, 2003, p. 17 - 29.

DURKHEIM. Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo, Paulinas, 1989, p. 372.

FEUERBACH, L. **Preleções Sobre a Essência da Religião**. Trad. de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papirus, 1989, p. 29 - 36.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004, p.18.

FUNDAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E TECNOLOGIA DE RORAIMA (AMBTEC). **Roraima, o Brasil no Hemisfério Norte: diagnóstico científico e tecnológico para o desenvolvimento.** (projetado por Tércio Júnior). Boa Vista/RR: Ambtec, 1994.

GAARDER, Jostein, 1952- O livro das religiões / Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker ; tradução Isa Mara Lando ; revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. — São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 12, 305.

GAARDER, Jostein, 1952- **O livro das religiões** / Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker ; tradução Isa Mara Lando ; revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. — São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAZONI, Jefferson L. Aproveitamento turístico de recursos mítico-religiosos: os passos de Anchieta. In: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José Sena da (org). **Turismo religioso: ensaios e reflexões.** Campinas, SP: ALÍNEA, 2003, p. 97.

GIOVANNINI, Oswaldo Júnior. Turismo, religião e patrimônio cultural. In: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José Sena da (org). **Turismo religioso: ensaios e reflexões.** Campinas, SP: ALÍNEA, 2003.

GODOY, Arilda Schmidt. **Estudo de caso qualitativo.** In Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais – Paradigmas, Estratégias e Métodos. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 421.

HUME, David. **Obras sobre a Religião Natural.** Tradução de Pedro Galvão. Lisboa: Gulbenkian, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estados. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rr#>> Acesso em: 02 de março de 2011.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas religiosas: a materialidade da fé.** História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Editora UFPR. Disponível em <http://www.jornaloince.com.br/2008/jul/republicando/a_materialidade_da_fe_jornaloince.com.br_edicao019.pdf> Acesso dia 22 de novembro de 2011.

LARSON, K. 2003 “The importance of Spiritual Assessment: One Clinician’s Journey”, *Geriatric Nursing*, Missouri, v. 24, n.6, p.370-371.

MANOEL. Ivan Ap. **História, religião e religiosidade.** Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. 2008, p. 2. Disponível em:

<<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/03%20Ivan%20Ap.%20Manoel.pdf>>. Acesso dia 09 de janeiro de 2011.

MANSO, Antonieta Di. **A História, a lenda e os casos de Mucajá, na versão de seus moradores mais antigos. Boa Vista.** 2004. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo), Universidade Federal de Roraima, 2004, p. 9 - 17.

MONTEIRO, Donald Bueno. **Música Religiosa no Brasil Colonial.** FIDES REFORMATATA XIV, Nº 1 (2009): 75-100. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/Fides_v14_n1_artigo-4.pdf> Acesso dia 09 de janeiro de 2011.

MORAES, Cláudia Corrêa de Almeida. A questão da demanda turística religiosa em Aparecida (SP). In: BAHL, Miguel. **Perspectiva do turismo na sociedade pós-industrial.** São Paulo: Roca, 2003, p.218.

Murphy, P. E. (1985) *Tourism: A Community Approach.* New York, Methuen.
NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Pluralismo e Multiplicidades Religiosas no Brasil Contemporâneo.** *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/se/v23n2/a04v23n2.pdf>> Acesso dia 09 de janeiro de 2011.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro . **Turismo Religioso no Brasil: Construindo um Investimento Sociocultural.** In: Trigo, Luiz Gonzaga Godoi. *Análises regionais e globais do turismo brasileiro.* São Paulo: Roca, 2005.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. **Turismo Religioso.** São Paulo: Aleph, 2004, p. 31.

Oliveira, Tânia Modesto Veludo de . Amostragem não probabilística: **Adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e cotas.** *Rev Adm On Line* 2001 jul/ago/set.; 2(3)

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao turismo.** São Paulo: Roca. 2001, p.38.

ORIHUELA, **Pedra do Pemba.** Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/roraima/2948016968>>. Acesso dia 10 de setembro de 2011.

PERINA, Regina. **Semana Santa**. Disponível em: <http://www.paroquiadaressurreicao.com.br/curioso/curioso5html>. Acesso em: 05 de março de 2011.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**. Guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 2008, p.51 - 53.

RUSCHMANN, Dóris Vande Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. São Paulo, Campinas: Papirus, 1997.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, Caroline Bertassoni. **As festas religiosas e a demarcação do tempo na Roma Antiga**. Revista Alétheia de Estudos sobre antiguidade e medieval – Volume 2/2, agosto a dezembro de 2010, p. 2. Disponível em < http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/SANTOS_CAROLINA_BERTASSONI_DOS.pdf> Acesso dia 09 de janeiro de 2011.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 . Disponível em: < <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao - Artigos>>. Acesso dia 12 de janeiro de 2011.

SAVALLI, Elaine Cristina Alves da Costa. **Festas no Brasil-Colônia: Uma Análise Interpretativa**. Ano V Vol 2. Mai/Ago 2007, p. 4. ISSN 1678-7889 Disponível em: <http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a5_v2/artigo_3.pdf>. Acesso dia 10 de janeiro de 2011.

SERVIÇO DE FORMAÇÃO POPULAR DA DIOCESE DE RORAIMA. **Pesquisa das realidades do município de Mucajaí-RR**. Caracarái, 2005.

SILVA, Eliane Moura da. **Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania**. Revista de Estudos da Religião, n 2, 2004, p.4. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso dia 10 de janeiro de 2011.

SILVEIRA, Emerson José Sena. **Por uma sociologia do turismo**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007, p. 97.

SILVEIRA, Emerson José Sena. Turismo e consumo: a religião como lazer em Aparecida. In: ABUMANSUR, Edin Sued (org). **Turismo religioso: Ensaios antropológicos**. Campinas, SP: PAPIRUS, 2003, p. 76. – (Coleção Turismo).

TOMAZ, Paulo Cesar; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **A Celebração da Páscoa Judaica e as tradições culturais: simbologia e significado**. In: I Encontro do GT Nacional História das Religiões e Religiosidades, 2007, p.1 - 6, Maringá. Disponível em: <
<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Tomaz,%20Paulo%20Cesar.pdf>>. Acesso dia 05 de março de 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE - A ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVALI

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Sexo: () M () F

Faixa Etária: a) () 15 a 25 anos b) () 26 a 35 anos c) () 36 a 45 anos
d) () 46 a 55 anos e) () mais de 55 anos

Profissão: _____ **Religião:** _____

Renda familiar: () Até 01 SM () Mais de 1 a 3 SM () Mais de 3 a 6 SM
() Mais de 6 a 9 SM () acima de 10 salários mínimos

Escolaridade: () fundamental incompleto () fundamental completo () médio incompleto
() médio completo () superior incompleto () superior completo
() pós graduado

1 – Você possui participação na Encenação Paixão de Cristo?

1.1 () SIM 9.2 () NÃO

2– Caso a resposta seja sim. De que forma?

2.1 () Na organização do evento

2.2 () Como comerciante

2.3 () Como ator/atriz na peça

2.4 () Outro _____

3 - Você acredita que o evento da Encenação Paixão de Cristo, possui caráter

3.1 () Religioso 3.2 () Lazer 3.3 () Cultural 3.4 () Outro: _____

4 – Você acredita que o grande atrativo desse evento é

4.1 () A religiosidade 4.2 () O Artista que realiza o papel de Jesus 4.3 () O Show do sábado de Aleluia

4.3 () Outro _____

5 – Você concorda com a Encenação da Paixão de Cristo?

5.1 () SIM 5.2 () NÃO Por quê? _____

6 – Você recomenda o evento para outras pessoas, virem prestigiar?

6.1 () SIM 6.2 () NÃO Por quê? _____

7 – Para você os turistas são bem-vindos em Mucajaí?

7.1 () SIM 7.2 () NÃO Por quê? _____

8 – A Paixão de Cristo em Mucajaí contribui para a comercialização da religião?

8.1 () SIM 8.2 () NÃO Por quê? _____

9 – Para você os turistas religiosos são diferentes das pessoas locais?

9.1 () SIM 9.3 () NÃO Por quê? _____

10 – Para você os turistas religiosos são diferentes dos outros turistas?

10.1 () SIM 10.2 () NÃO Por quê? _____

11 – Os turistas afetam você diretamente de forma positiva?

11.1 () SIM 11.2 () NÃO Por quê? _____

12 – Para você o número de turistas em Mucajaí teve aumento?

12.1 () SIM 12.2 () NÃO

13 - Os impactos econômicos derivados da “Paixão de Cristo” são mais importantes que os custos

sociais?

13.1 () SIM 13.2 () NÃO Por quê? _____

13.3 () NÃO SEI

Observações do aplicador:

Sub-grupo amostral () Zona Urbana () Zona Rural

Data: ____ / ____ / ____ **Aplicador:** _____

APÊNDICE - B TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM TURISMO
E HOTELARIA – MESTRADO ACADÊMICO
PESQUISADORA: ROSE ANNE FARIAS CAVALCANTE
ORIENTADORA: DRA. DORIS VAN DE MEENE. RUSCHMANN

TERMO DE LIVRE E ESCLARECIDO

Fui devidamente informado (a) de que está sendo realizada uma pesquisa com o título “Encenação da Paixão de Cristo como atrativo turístico: Análise da percepção dos moradores de Mucajaí – RR, sob a responsabilidade de Rose Anne Farias Cavalcante, aluna do Curso de Pós-Graduação – Stricto Sensu – Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI-SC.

Esta entrevista será gravada ou registrada por escrito e nela serão feitas perguntas sobre o meu parecer com relação ao tema e durará no máximo uma hora. Caso eu aceite participar desta pesquisa, serei entrevistado (a), porém, o meu nome _____

Jamais aparecerá quando forem apresentados e divulgados os resultados da pesquisa. Não receberei qualquer pagamento por participar deste estudo. Não sofrerei nenhum prejuízo ou punição se, mesmo depois de começar a entrevista, eu resolver parar ou não quiser responder alguma ou algumas perguntas.

Se eu estiver de acordo em participar da pesquisa, me será pedido para assinar, junto com o pesquisador, este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Caso eu prefira não assinar, minha decisão será respeitada, e isto não impedirá que eu participe da pesquisa.

Depois de receber as informações acima, este Termo de Consentimento foi lido e eu decidi participar desta pesquisa de forma livre e esclarecida.

_____, _____ de _____ de _____
 (Cidade) (dia) (mês) (ano)

Assinatura do (a) participante:

Assinatura da Pesquisadora:

ANEXOS

ANEXO A - LEI DE AUTORIZAÇÃO DA CRIAÇÃO DE MUNICÍPIOS NO
TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 7.009, DE 1º DE JULHO DE 1982.

Autoriza a criação de municípios no
Território Federal de Roraima, e dá outras
providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA , faço saber que o CONGRESSO NACIONAL
decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art 1º - Ficam criados, no Território Federal de Roraima, independentemente de
comprovação dos requisitos previstos na Lei nº 6.448, de 11 de outubro de 1977, os Municípios de
Mucajaí, Alto Alegre, São João da Baliza, Bonfim, Normandia e São Luiz.

§ 1º - os limites da área de cada um dos municípios criados por esta Lei serão
fixados em decreto do Poder Executivo.

§ 2º - Só a lei poderá alterar os limites da área do município, fixados nos termos do
parágrafo anterior.

Art 2º - (VETADO).

Art 3º - Os municípios criados pelo art. 1º desta Lei continuarão pertencendo à
Circunscrição Judiciária do município de origem, até que lei especial disponha sobre a criação das
respectivas Circunscrições Judiciárias.

§ 1º - Os Prefeitos nomeados poderão:

I - expedir atos necessários à instalação e à administração do município;

II - propor ao Conselho Territorial, com aprovação do Governador do Território
Federal, a criação de tabela provisória de pessoal;

III - nomear, dispensar e punir, na forma da lei, o pessoal de que trata o inciso
anterior;

IV - solicitar, com aprovação do Conselho Territorial, recursos do Território Federal;

V - celebrar acordos, convênios e contratos para execução de serviços e obras municipais;

VI - submeter à apreciação do Conselho Territorial, com a assistência e a aprovação do Governo do Território Federal o plano anual das atividades, administrativas a serem realizadas durante cada exercício que preceder a instalação dos municípios, discriminando-se a receita e a despesa estimadas para esse fim;

VII - aplicar, no que couber, a legislação do município de origem.

§ 2º - A receita tributária ou originária, arrecadada na área dos novos municípios, será neles aplicada, para efeito da execução do plano anual referido no inciso VI do § 1º deste artigo.

§ 3º - A prestação de contas dos Prefeitos, referente a cada exercício que preceder a instalação dos municípios, será feita ao Conselho Territorial.

§ 4º - As contas do exercício imediatamente anterior ao da instalação dos municípios serão submetidas, no prazo de 30 (trinta) dias contados da data de sua instalação, ao julgamento das Câmaras de Vereadores eleitas simultaneamente com as dos demais municípios do Território.

Art 4º - Os subsídios dos Prefeitos nomeados serão fixados pelo Governador do Território Federal.

Art 5º - O Tribunal de Contas da União, desde que solicitado pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República, disporá sobre as quotas do Fundo de Participação, quando devidas aos municípios criados de conformidade com esta Lei.

Art 6º - Salvo as exceções previstas nesta Lei, aplicam-se aos municípios criados pelo art. 1º desta Lei as disposições da lei nº 6.448, de 11 de outubro de 1977.

Art 7º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art 8º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em 01 de julho de 1982; 161º da Independência e 94º da República.

JOÃO
Mário David Andreazza

FIGUEIREDO

ANEXO B – CALENDÁRIO ESTADUAL DE EVENTOS



Governo do Estado de Roraima
 Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento
 Departamento de Turismo
 Divisão de Difusão Turística
 Calendário Anual de Eventos do Estado de Roraima 2011

MÊS DE JANEIRO				
Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
9-20	Festejo de São Sebastião		Alto Alegre	Comunidade Indígena do Pium
	Festejo do Uiramutã		Uiramutã	Sede
2	Festa da Mandioca		Cantá	Vila Fonte Nova
MÊS DE FEVEREIRO				
Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
7-08	Pré-Carnaval		Boa Vista	Praça Germano Sampaio
0	Carnaval 2009		Boa Vista	Av. Ville Roy
4	Carnaval		Amajari	Vila Brasil
4	Carnaval de Mucajaí - CARNAJAÍ	Concursos de fantasias infantis, Rei Momo e Rainha do Carnaval 2009	Mucajaí	Clube Sonho Meu
6-28	Corrida do Vento	Corrida de cavalos e rodeios	Alto Alegre	Comunidade Indígena do Boqueirão
	Micaraima	Carnaval fora de época realizado no 2º fim de semana após o carnaval.	Pacaraima	
MÊS DE MARÇO				
	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento

Dia				
6-08	Vaquejada do Paredão		Alto Alegre	Vila Reislândia
3	Festejo Basto		Amajari	Vila Brasil
9	Festa do Padroeiro		Cantá	Comunidade Indígena de Malacacheta
1	Campeonato de Bicicross	Campeonato de bicicross infantil e futsal infantil.	Mucajá	Pista de Bicicross Serraria Mendes Ross
2	Festejo de São José		Rorainópolis	Comunidade de São José
6-28	Festival de Praia		Iracema	
ata móvel	Festejo do Sucuba	Corrida de cavalo	Alto Alegre	Comunidade Indígena do Sucuba
8- 29	Festa do Produtor Rural de Vila Nova Colina		Rorainópolis	Vila Nova Colina
ªSem	Festival de Verão		Cantá	Vila São José – Km 20 BR 432

MÊS DE ABRIL

Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
2-04	Festejos do Bonfim		Bonfim	
5	Dia municipal do produtor rural		Normandia	Parque de exposição
6-12	Programação da Semana da Paixão de Cristo	Feira de Artesanato; Missa Campal; Culto Ecumênico; Festival Gospel, Atividades Esportivas; Trilhas de Motocicleta; Paixão de Cristo e Show de Aleluia.	Mucajá	Ginásio Estadual Francisco Arinaldo Paiva da Silva; Cenário da Paixão; Interiores de Mucajá e Cenário da Encenação
7-19	Festa na aldeia		Normandia	Comunidade de Napoleão
5	Copa Rural	Abertura da Copa com apresentações dos times e grupos culturais	Mucajá	Apiáú Vicinal 9
definir	Corrida de Cavalos		Alto Alegre	Comunidade Indígena da Anta

5	Inter-cultural Indígena		Cantá	Sede do município
MÊS DE MAIO				
Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
4-08	Semana do meio ambiente		Normandia	Escolas municipais e ginásio poli esportivo
0- 11	Festa do Padroeiro Santo Isidoro		Caroebe	Pátio de Igreja Católica
5 - 16	Esquenta Junina		Boa Vista	Praça Germano Sampaio
2	Festa do Pescado		Rorainópolis	Colônia dos Pescadores z-40
3	Corrida Ecológica de Orientação		Boa Vista	Local não definido
3- 24	Caravana da FUNCET e Cerimonial	Torneios e Concursos esportivos e culturais	Mucajaí	Apiáú
MÊS DE JUNHO				
Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
05-07	Festejo de N. S. Da Consolata		Normandia	Igreja N. S. Da Consolata
05-14	Boa Vista Junina		Boa Vista	Praça Germano Sampaio
Data Móvel	Arraial das Três Nações	Evento tradicional que reuni manifestações artístico-culturais alusivas ao período Junino em Roraima.	Boa Vista	Parque Anauá
22-30	Festa Junina	Atrações artísticas e culturais, comércio de comida típica.	São João da Baliza	
23-25	Arraial		Caroebe	Pólo Esportivo
24	Festa Junina da Igreja Católica de Rorainópolis		Rorainópolis	
27-29	Festividades juninas		Uiramutã	SEDE
MÊS DE JULHO				
Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento

09	Aniversário do Município de Boa Vista Corrida Internacional 9 de Julho		Boa Vista	Centro de Artesanato Veia Coutinho e Parque Germano Sampaio
18	2º Torneio Municipal de Pesca	Competições de maior e menor peixes de linha; Classificação de pele e escama; Garota Sereia.	Mucajá	Rio Mucajá
MÊS DE AGOSTO				
Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
01	Festa do Produtor Rural de Rorainópolis		Rorainópolis	Sede do município
07	Festa do Milho		Amajari	Parque de Exposição Damião Azevedo – Vila Brasil
15	Festa da Padroeira Nossa Senhora de Assunção		Rorainópolis	Igreja Católica de Rorainópolis
Data móvel	Festival de inverno		Pacaraima	
17-21	Semana do folclore	Divulgar a cultura brasileira com destaque a tradição local.	São João da Baliza	
30	Festival Gospel de Rorainópolis		Rorainópolis	Sede do município
15	Festa do Milho		Cantá	Vila de Serra Grande I
MÊS DE SETEMBRO				
Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
10 - 24	Festejos de Consagrados a Nossa Senhora do Livramento		Caracaraí	Memorial do Milagre do Livramento
11-13	Festival do Caxiri		Normandia	Comunidade da Raposa
12	Festa do Cajú		Bonfim	
15	Festival Folclórico de Caracaraí			Complexo Turístico – Cultural da Orla
12-13	Festejo comunidade Contão	Padroeiro da comunidade	Pacaraima	
14	Montain Bike		Boa Vista	Local não definido
22 - 23	Dia do Folclore		Boa Vista	Palco Velia Coutinho

22	Festival de Música do Estado de Roraima		Boa Vista	Parque Anauá
25-27	Festival de Música		Boa Vista	Palco Velia Coutinho
26	3º Précajáí	Micareta fora de época de Mucajáí com encontro de Blocos e apresentações de Bandas locais e nacionais	Mucajáí	Saída Praça Francisco das Chagas Aguiar e chegada Cenário da Encenação
28	Forró Alegre		Alto Alegre	Praça Central de Alto Alegre

MÊS DE OUTUBRO

Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
1-14	Festa da Banana		Caroebe	Pólo Esportivo
2	Festejos de Nossa Senhora de Aparecida		Amajari	Parque de Exposição Damião Azevedo – Vila Brasil
17	Festival de Música Popular de Rorainópolis – FEMUPOR		Rorainópolis	Sede do município
23-25	Festa da Banana		Iracema	Vila de Campos Novos
24 - 25	2º Festival do Mel	Exposição dos apicultores municipais, e Concurso da Garota do Mel 2009.	Mucajáí	Ginásio Municipal Francinaldo Conceição da Silva

MÊS DE NOVEMBRO

Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
03-06	Festa de Vaquejada e Feira de Agronegócios		São Luiz do Anauá	
05	Dia da Cultura		Boa Vista	Centro de Artesanato Velia Coutinho e Palco
03-05	Festa da Banana		Iracema	Praça Aberta
05	Dia da Cultura	Exposição de fotos sobre a cultura local	Mucajáí	Biblioteca Municipal Josilene da Silva Lima
05-07	Festa da Damurida		Cantá	Comunidade Indígena de Malacacheta
12-14	Festival da Melancia		Normandia	Parque de exposição
13	Festival do Tepequém		Amajari	Vila do Paiva
15	Festival Tambaqui		Uiramutã	Comunidade Água Branca
21	Torneio Internacional de		Boa Vista	Local não definido

	Boxe			
A definir	Aleluia Night	Encontro de todas as igrejas evangélicas municipais	Alto Alegre	Palco da Praça Central da Sede
2º fim Sem	Grande Vaquejada de Rorainópolis		Rorainópolis	Sede do município
4ª Sem	Festa do Beju		Cantá	Comunidade Indígena de Taba Lascada
MÊS DE DEZEMBRO				
Dia	Evento	Breve histórico	Município	Localização do evento
03-05	Festa Cultural José Alencar - FECANJA		Rorainópolis	Sede do município
12	Festa da Banana		Bonfim	
12-14	CARNAFOLIA		Rorainópolis	Sede do município
23	Natal Alegre		Alto Alegre	Praça Central de Alto Alegre
31	Confraternização Universal		Boa Vista	Tradicional Queima de Fogos no Parque Anauá

DEPARTAMENTO DE TURISMO

Rua Coronel Pinto, Nº 267, Centro, Cep.69.301-150, Boa Vista - Roraima,
Site: www.turismo.rr.gov.br, Fone: +55 (95) 2121-2561, Fax: +55 (95) 3623-1909.

ANEXO C – RELATÓRIO DE AUDITORIA REFERENTE À AVERIGUAÇÃO DA GESTÃO DOS RECURSOS PÚBLICOS PARA FOMENTAÇÃO DO TURISMO



TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

ACÓRDÃO Nº 1211/2011 – TCU – Plenário

1. Processo TC-003.103/2011-0.
2. Grupo: II – Classe de Assunto: V – Relatório de Auditoria.
3. Interessada: Secretaria de Controle Externo no Estado de Roraima – Secex/RR.
4. Entidade: Município de Mucajaí/RR.
5. Relator: Ministro-Substituto Marcos Bemquerer Costa.
6. Representante do Ministério Público: não atuou.
7. Unidade Técnica: Secex/RR.
8. Advogado constituído nos autos: não há.
9. Acórdão:

VISTOS, relatados e discutidos estes autos do Relatório de Auditoria efetivada na Prefeitura de Mucajaí/RR, em cumprimento às disposições do Acórdão n. 3.312/2010 – TCU – Plenário (Sessão de Caráter Reservado), com a finalidade de averiguar a gestão dos recursos públicos federais transferidos ao aludido Município, mediante o Contrato de Repasse n. 709.343/2009 e os Convênios ns. 732.088/2010 e 732.103/2010, celebrados para fomentar o turismo e alavancar o desenvolvimento econômico e cultural da região.

ACORDAM os Ministros do Tribunal de Contas da União, reunidos em Sessão Plenária, ante as razões expostas pelo Relator, em:

9.1. com fulcro no inciso III do art. 12 da Lei n. 8.443/1992 promover as audiências dos responsáveis adiante indicados, para que, no prazo de quinze dias, contados a partir da ciência da notificação, apresentem, conforme as suas respectivas competências, razões de justificativa para as ocorrências especificadas:

9.1.1. Srs. Elton Vieira Lopes, Prefeito do Município de Mucajaí/RR; Gilberto Rodrigues Veras, Secretário Municipal de Obras e de Infraestrutura de

Mucajá/RR; e Lucyano Bruno de Moraes Santos, Gerente de Serviço de Engenharia – GIDUR –BV/Caixa, sobre a ocorrência de aprovação de projeto básico deficiente quanto aos seguintes aspectos, em descumprimento ao disposto no art. 116, §1º, I, c/c art. 6º, IX, da Lei n. 8.666/1993, e no artigo 23, §4º, da Portaria Interministerial MP/MF/MCT n. 127, de 29 de maio de 2008:

9.1.1.1. inexistência de memórias de cálculos para as edificações Montes das Oliveiras, Monte dos Sermões, Palácio de Herodes, Fórum de Pilatos, Templo de Jerusalém, Via Sacra, Santa Ceia, Banheiro Masculino e Banheiro Feminino;

9.1.1.2. incoerência entre as planilhas de orçamento e as especificações técnicas, visto que nestas são previstas esquadrias metálicas e naquelas são fixadas esquadrias de madeira;

9.1.1.3. falta de previsão na planilha de orçamento dos serviços de instalações elétricas nas edificações Montes das Oliveiras, Monte dos Sermões, Palácio de Herodes, Fórum de Pilatos, Templo de Jerusalém, Via Sacra e Santa Ceia, os quais constavam no projeto arquitetônico;

9.1.1.4. não-inclusão na planilha de orçamento do item relativo a lajes impermeabilizadas para os prédios Palácio de Herodes, Fórum de Pilatos, e Templo de Jerusalém, embora previsto no projeto de arquitetura;

9.1.1.5. ausência de cortes de elementos de projeto das edificações, bem como de detalhamento de esquadrias nos projetos arquitetônicos;

9.1.1.6. não-inclusão no orçamento da obra da escada do Palácio de Herodes, prevista no projeto arquitetônico;

9.1.1.7. falta de previsão no orçamento obra da cobertura e das calhas da edificação do cenário da Santa Ceia, as quais foram consignadas no projeto arquitetônico;

9.1.1.8. ausência na planilha de orçamento da obra de duas fossas e um sumidouro constantes do projeto hidrossanitário;

9.1.1.9. divergência entre a planilha de orçamento, na qual existem dois quadros de distribuição de energia para o banheiro feminino e um para o banheiro masculino, e o projeto arquitetônico, no qual há especificação de apenas um quadro para atender os dois banheiros;

9.1.1.10. diferença entre o projeto elétrico, no qual não consta a subestação de 75 kVA, e o subitem 12.2 da planilha de orçamento que contempla a referida subestação;

9.1.1.11. inexistência de detalhamento de projeto estrutural, que contemple especificação dos tipos de fundações escolhidas, dimensões das vigas, pilares e lajes;

9.1.1.12. falta de projeto de drenagem de águas pluviais;

9.1.1.13. ausência de levantamento planialtimétrico para definir os quantitativos de serviços de movimentação de terra.

9.1.2. Srs. Elton Vieira Lopes, Prefeito do Município de Mucajaí/RR; Gilberto Rodrigues Veras, Secretário Municipal de Obras e de Infraestrutura de Mucajaí/RR; e Paulo Roberto Damin, fiscal do Contrato Administrativo originado do Edital de Concorrência n. 004/2009, a respeito da:

9.1.2.1. execução física dos serviços em desacordo com o cronograma físico-financeiro aprovado, em descumprimento ao disposto no termo de Contrato de Repasse e no art. 66 da Lei n. 8.666/1993;

9.1.2.2. atrasos injustificados nas obras, em desobediência ao disposto no termo de contrato de repasse e no art. 66 da Lei n. 8.666/1993;

9.1.3. Srs. Elton Vieira Lopes, Prefeito de Mucajaí/RR; e Paulo Roberto Damin, fiscal do contrato administrativo originado do Edital de Concorrência n. 004/2009, a respeito da fiscalização deficiente das obras, em afronta ao art. 67 da Lei n. 8.666/1993;

9.1.4. Srs. Gilberto Rodrigues Veras, Secretário Municipal de Obras e de Infraestrutura de Mucajai/RR; e Paulo Roberto Damin, fiscal do Contrato n. 203/2010 originado do Edital de Concorrência n. 004/2009, sobre a inexistência de projeto executivo, em desrespeito ao art. 7º, § 1º, da Lei 8.666/1993;

9.1.5. Srs. Elton Vieira Lopes, Prefeito de Mucajaí/RR; Gilberto Rodrigues Veras, Secretário Municipal de Obras e de Infraestrutura de Mucajaí/RR; Artur

Wanderley Laranjeira, arquiteto da GIDUR – BV/Caixa e Juliane Cristina Jonhson, arquiteta e urbanista da GIDUR-BV/Caixa, acerca do desvio de objeto devido a alterações qualitativas, em desobediência ao termo de contrato de

repassa e ao art. 39, inciso III, da Portaria Interministerial MP/MF/MCT n. 127/2008;

9.1.6. Srs. Elton Vieira Lopes, Prefeito de Mucajaí/RR; Paulo Roberto Damin, fiscal do contrato administrativo originado do Edital de Concorrência n. 004/2009; Artur Wanderley Laranjeira, arquiteto da GIDUR – BV/Caixa, e Juliane Cristina Jonhson, arquiteta e urbanista da GIDUR-BV/Caixa; sobre o pagamento por serviço não executado, com inobservância ao art. 39, inciso IV, da Portaria Interministerial MP/MF/MCT n. 127/2008, e ao art. 62 da Lei 4.320/1964;

9.2. determinar à Prefeitura Municipal de Mucajaí/RR que:

9.2.1. com fulcro no art. 276 do RI/TCU, promova cautelarmente a retenção das quantias de R\$ 18.452,05 (dezoito mil, quatrocentos e cinquenta e dois reais, e cinco centavos) e de R\$ 69.373,52 (sessenta e nove mil, trezentos e setenta e três reais e cinquenta e dois centavos) nas faturas vincendas do Contrato n. 203/2010, firmado com a empresa Diâmetro Comércio e Construção Ltda. (CNPJ n. 10.147.072/0001-10), para a construção do complexo cenográfico e cultural de Mucajaí/RR;

9.2.2. elabore e apresente à Caixa Econômica Federal, no prazo de sessenta dias, a contar da ciência deste Acórdão, projeto executivo para as obras implementadas com recursos do Contrato de Repasse n. 709.343/2009, fazendo constar neste projeto as soluções para regularizar as falhas existentes no projeto básico, as quais constam dos subitens 9.1.1.1. a 9.1.1.13, retro.

9.3. determinar a oitiva da empresa Diâmetro Comércio e Construção Ltda. (CNPJ n. 10.147.072/0001-10) e do Sr. Elton Vieira Lopes, Prefeito de Mucajaí/RR, para que, caso entendam necessário, no prazo de 15 (quinze) dias, contados a partir da ciência da notificação, apresentem seus esclarecimentos acerca das seguintes ocorrências:

9.3.1. recebimento por serviços não prestados no âmbito do Contrato n. 203/2010, proveniente do Edital de Concorrência Pública n. 004/2009, celebrado com a Prefeitura Municipal de Mucajaí/RR para a que foram construção de complexo cenográfico e cultural nesse Município, visto realizados serviços de pavimentação (item 14.0 da planilha orçamentária da obra) em área total de

13.959,25 m², enquanto foram pagos valores equivalentes à construção de 14.446,25 m², ou seja, a sociedade empresária recebeu indevidamente a quantia de R\$ 18.452,15 (dezoito mil, quatrocentos e cinquenta e dois reais e quinze centavos), equivalente a 487 m² de área de pavimentação que, embora não executada, foi paga pela entidade contratante;

9.3.2. execução indevida de serviços de revestimento asfáltico em locais destinados especificamente às edificações dos cenários da encenação da Paixão de Cristo e dos prédios de apoio (banheiros masculino e feminino e centro de informática), com inobservância ao cronograma físico-financeiro e às plantas do empreendimento, o que resultou em dano ao erário no valor de R\$ 69.373,52 (sessenta e nove mil, trezentos e setenta e três reais e cinquenta e dois centavos);

9.4. determinar à Caixa Econômica Federal que, no prazo de trinta dias a contar do recebimento do projeto executivo mencionado no subitem 9.2.2 deste Acórdão, encaminhe a este Tribunal, além do projeto executivo, manifestação acerca de sua adequabilidade técnica do instrumento, avaliando, em especial, a correção das deficiências apontadas nos subitens 9.1.1.1 a 9.1.1.13 desta Deliberação;

9.5. determinar à Secex/RR que dê prioridade na instrução destes autos, bem como que esclareça, fazendo as diligências que entender necessárias, a questão relacionada à pavimentação asfáltica das ruas de que trata o item 14 da planilha de orçamento do plano de trabalho do complexo cenográfico e cultural de Mucajaí, em especial se houve realocação desse item, de modo a contemplar somente o referido pátio de encenação.

10. Ata nº 16/2011 – Plenário

11. Data da Sessão: 11/5/2011 – Ordinária.

12. Código eletrônico para localização na página do TCU na Internet: AC-1211-16/11-P.

13. Especificação do quorum:

13.1. Ministros presentes: Benjamin Zymler (Presidente), Valmir Campelo, Walton Alencar Rodrigues, Ubiratan Aguiar, Augusto Nardes, Raimundo Carreiro e José Múcio Monteiro.

13.2. Ministros-Substitutos convocados: Augusto Sherman Cavalcanti e Marcos Bemquerer Costa (Relator).

13.3. Ministro-Substituto presente: Weder de Oliveira.